

# EXTRA

## CLASSE-ORG-BR

ANO 29 | Nº 270 | SETEMBRO E OUTUBRO DE 2024

### ENTREVISTA

Odair José fala sobre hipocrisia, ditadura, religião e inteligência artificial  
p.04



Foto: Bernardo Guimarães

Foto: Arquivo Agência Brasil



### POLÍTICA

O que está em jogo? Futuros prefeitos e vereadores serão eventuais cabos eleitorais de candidatos a deputados estaduais, federais, governadores, senadores e presidente da República

p.14

# Eleições: um olho em 2024 e outro em 2026

### Nesta edição:

Foto: Fanyal/Digitalista



### ECONOMIA

Cooperativas apostam em desenvolvimento com sustentabilidade

p.08

Foto: César Fraga



### CULTURA

Goida: Um dos maiores cronistas do cinema completa 90 anos

p.23

## EDITORIAL

# Eleições, sustentabilidade, reforma, Odair José, Goida e muito mais

### 04 ENTREVISTA

O cancionista popular Odair José fala sobre os mais de 50 anos de carreira, do novo álbum e do que está por vir

### 07 WEISSHEIMER

O colunista indaga se mais espigões e menos árvores são um aprendizado deixado à sociedade depois da tragédia climática de maio

### 08 ECONOMIA

Cooperativas têm procurado unir desenvolvimento e sustentabilidade e já são responsáveis por 13,5% do PIB gaúcho

### 11 ECONOMIA

Especialistas debatem se a Reforma Tributária não é mais do que uma modernização da forma de se pagar impostos

### 14 POLÍTICA

Os resultados das eleições de 2024 irão compor um mapa que, na visão de quem acompanha a política nacional, apontará possíveis rumos do Brasil em 2026

### 18 ENSINO PRIVADO

Campanha pela *Liberdade de ensinar e aprender* está mobilizando professores e a sociedade contra cerceamento a docentes

### 22 ROLIM

O baixo nível do debate eleitoral quase não deixa espaço para discussão sobre a política real fora das bolhas

### 24 ARTE +

Os 90 anos de Goida, um dos maiores cronistas do cinema no RS e o livro que aborda as imagens públicas de Paulo Coelho, Manuel Bandeira e Clarice Lispector

Em virtude da enchente que acometeu o estado do Rio Grande do Sul, com danos causados ao parque gráfico em que o jornal *Extra Classe* é impresso a cada dois meses, esta edição que chega às mãos dos leitores neste mês de setembro é a primeira desde a tragédia climática. A edição anterior, de julho/agosto, circulou apenas em PDF e teve seu conteúdo integralmente publicado apenas on-line.

Impossível falar de tragédia climática provocada pelo aquecimento global sem que isso esteja associado ao modelo produtivo não só do Rio Grande do Sul, como também do país e do mundo. Ao *Extra Classe*, nestes meses que se passaram, não faltaram reportagens identificando os motivos, as causas e os causadores de tamanha destruição.

Apenas denunciar não basta! Também é papel do Jornalismo apontar caminhos, experiências exitosas e tentativas de mitigar os efeitos da devastação do planeta e suas consequências na vida de todos os seres humanos que o habitam.

Por isso, abrimos a editoria de Economia com uma reportagem que traz modelos de produção que têm procurado unir desenvolvimento e sustentabilidade, como é o caso das cooperativas do estado, hoje responsáveis por 13,5% do PIB gaúcho.

Ainda na área da Economia, abordamos os desdobramentos da chamada Reforma Tributária brasileira, que, para muitos especialistas, ainda não veio, mas que se consolidará mesmo na sua segunda fase. É entendimento que, apesar de positiva para o país, até agora o que se fez foi uma modernização tributária.

A questão ambiental, a inteligência artificial, a política brasileira, os anos de autoritarismo do regime militar são partes de um bate-papo que o *Extra Classe* fez com o cantor Odair José por ocasião do lançamento de seu novo álbum.

Nas nossas páginas centrais, ouvimos vários analistas da política brasileira para investigar o quanto as eleições de 2024 têm a ver com as de 2026. Jessé Souza, Luís Nassif, Feres Júnior e Silvana Krauze avaliam o que está em jogo e o quanto de polarização e interesses regionais pesam nesta disputa eleitoral.

Na editoria de Ensino Privado, o lançamento da Campanha *Liberdade de ensinar e aprender*, com a participação de professores que sofreram algum tipo de perseguição ideológica em suas escolas, por conta da vigilância praticada por agrupamentos políticos de extrema direita.

E ainda: os 90 anos do Goida; o que une Paulo Coelho, Manuel Bandeira e Clarice Lispector; as colunas do Weissheimer, do Verissimo, do Fraga e do Rolim; e a charge e as tiras de Santiago, Edgar Vasques e Rafael Corrêa.



Boa leitura!

**EXTRA**  
CLASSE-RS-BR

Redação: [extraclass@sinprors.org.br](mailto:extraclass@sinprors.org.br)

Editora-chefe: Valéria Ochôa

Editores Executivos: César Fraga e Valéria Ochôa

Editor de Fotografia: Igor Sperotto

Redação: César Fraga, Edimar Blazina, Gilson Camargo e Valéria Ochôa

Estagiária em Jornalismo: Bárbara de Oliveira Neves

Colaboradores: Elstor Hanzen e Marcelo Menna Barreto

Colunistas: Luis Fernando Verissimo, José Fraga, Marco Aurélio Weissheimer e Marcos Rolim

Diagramação e Arte: Fabio Edy Alves/Bold Comunicação

Projeto Gráfico: Bold Comunicação e D3 Comunicação

Ilustração: Rafael Sica

Charge/Cartum: Edgar Vasques, Rafael Corrêa e Santiago

Revisão: Press Revisão

Tiragem: 23 mil exemplares

Comercialização: 51. 4009.2981 e 51. 99702.7283

[extraclass@sinprors.org.br](mailto:extraclass@sinprors.org.br)

Telefones da Redação: 51. 4009.2980/2982/2983/2985

\* O conteúdo dos artigos de opinião e das matérias assinadas é de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Publicação mensal do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS, filiado à CUT e Contee

Av. João Pessoa, 919 | CEP 90.040-000 | Porto Alegre | RS | Fone 51. 4009.2900

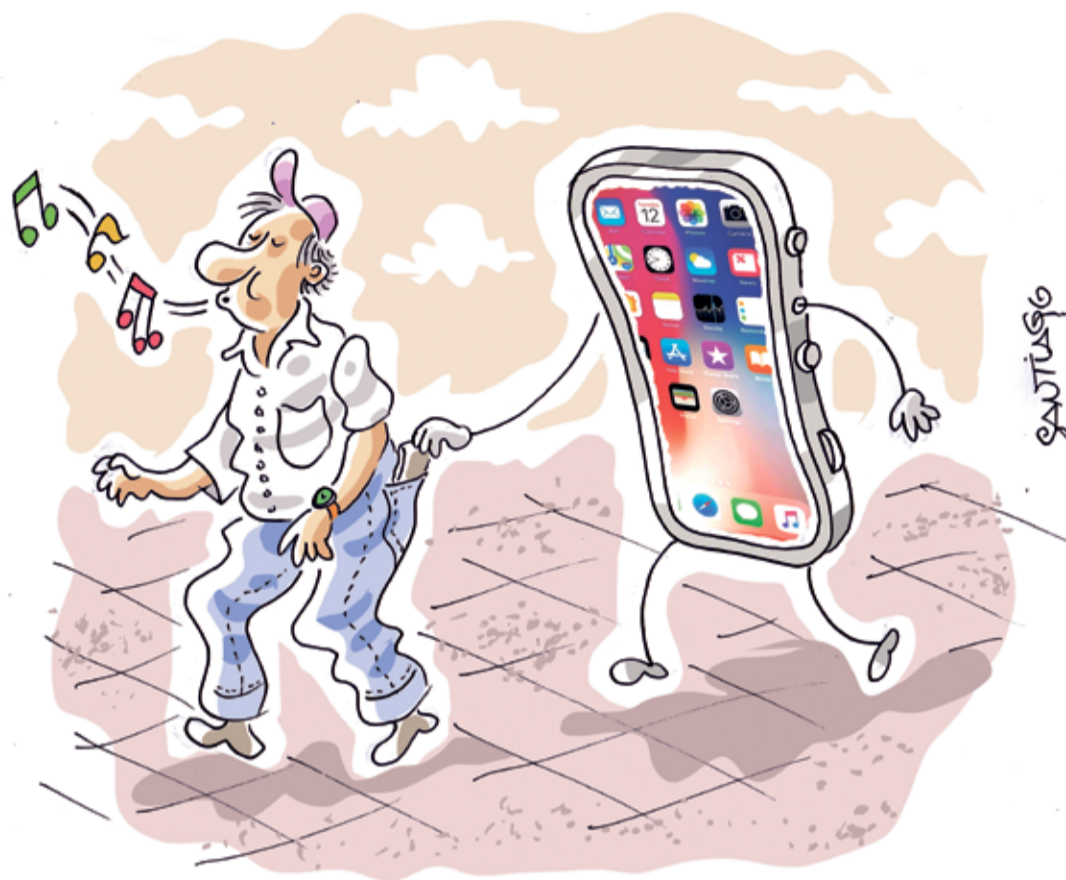
[extraclass.org.br](https://www.extraclass.org.br) [fb.com/jornalextraclass](https://www.facebook.com/jornalextraclass) [instagram.com/jornalextraclass](https://www.instagram.com/jornalextraclass)

## Pobreza diminui, apesar da extrema riqueza

De acordo com o primeiro relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, a população brasileira em extrema pobreza em 2023 diminuiu 40%, em comparação ao ano anterior. Também houve uma queda no desemprego de 20% se comparado com 2022. Como aspecto negativo, as mulheres têm remuneração 27% menor do que a dos homens no Brasil.

O Observatório aponta também que o 1% mais rico tem rendimento médio mensal per capita mais de 31 vezes maior do que os 50% mais pobres, mostrando que a desigualdade de renda no Brasil segue em patamar elevado. E nem estamos falando de super-ricos.

Entre os dados que pioraram, o relatório destaca o aumento da proporção de crianças indígenas sofrendo com desnutrição: 16,1% entre meninos indígenas e 11,1% entre meninas indígenas. Ocorreu, também, um aumento na proporção de mortes por causas evitáveis. O número aumentou 22%.



## Antes de chegar na mesa, o veneno passa pelas autoridades

Enquanto tramitavam as novas regras de uso, fiscalização, tributação e liberação dos agrotóxicos, o governo federal teve, ao menos, 752 compromissos registrados com participação de lobistas e representantes de empresas relacionadas a agrotóxicos. Aconteceu pelo menos uma reunião de autoridades do governo com o lobby dos agrotóxicos a cada 4 horas e 48 minutos entre outubro de 2022 e agosto de 2024 – considerando horas úteis da jornada de trabalho e excluindo fins de semana, feriados e pontos facultativos nacionais. Bayer, Basf e Syngenta lideram a pressão.

O levantamento foi feito por meio da Agenda Transparente, ferramenta gratuita desenvolvida pela ONG Fiquem Sabendo (FS), a qual permite monitorar as agendas oficiais do Executivo federal. Os dados fazem parte do terceiro relatório do projeto *Lobby na Comida*, produzido pela FS em parceria com o site *O Joio e O Trigo*, com apoio dos institutos Ibirapitanga e Serrapilheira.

Na publicação, foi analisado o trânsito dos

lobistas que atuam em prol dos agrotóxicos no Executivo federal ao longo das discussões sobre o Imposto Seletivo da Reforma Tributária e o PL do Veneno, que se tornou a Nova Lei dos Agrotóxicos (Lei 14.785, de 2023).

A maioria dos compromissos ocorreu no gabinete do secretário Mauro Goulart, da Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), que sediou 56 encontros com lobistas ou representantes de empresas do setor. Já no gabinete do ministro da Agricultura, Carlos Fávaro (PSD), foram, ao menos, 12 reuniões. A maior parte dos encontros foi realizada por videoconferência.


Os meses que tiveram maior frequência de registros de reuniões foram maio e abril de 2024 – um a cada cinco compromissos levantados no período aconteceu nesses meses. Em maio, foram 70 agendas e, em abril, 67. Nessa época, o Ministério da Fazenda enviou o projeto de regulamentação da Reforma Tributária sem incluir os agrotóxicos no Imposto Seletivo.

Também foi nesse período que o Congresso Nacional derrubou metade dos vetos do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), à Nova Lei dos Agrotóxicos, tirando Ibama e Anvisa do processo de aprovação de novos produtos.

Em 2023, os meses com maior ocorrência de encontros do governo federal com lobistas dos agrotóxicos foram agosto (52 registros) e setembro (48 registros), época em que tramitava no Senado a Reforma Tributária, em que se discutia o “Imposto Seletivo” para sobretaxar produtos nocivos à saúde.




Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil



### Acolhimento, sigilo e atitude. Assim a gente lida com a violência contra os professores.

○ NAP é uma equipe multidisciplinar formada por diretores do Sinpro/RS, advogados e psicólogo, com o objetivo de amparar os professores vítimas de constrangimento e violência no ambiente educacional. Se você está passando por isso, não prolongue seu sofrimento pensando que esta situação só acontece com você. As circunstâncias de violência são mais frequentes do que você imagina. Procure imediatamente o Sinpro/RS e acione o NAP.



# Uma carreira dedicada a tirar a roupa da hipocrisia brasileira



por César Fraga

**N**ascido em Morrinhos, interior de Goiás, Odair José de Araújo completou 76 anos no dia 16 de agosto passado, poucos dias depois de conceder esta entrevista ao *Extra Classe* via Zoom, direto de sua residência em São Paulo. Filho de pequenos agricultores, mudou-se com os pais para Goiânia ainda criança. Da roça, não lembra quase nada, a não ser que viu “uns caras tocando numa festa da colheita”. Por conta disso, pediu um violão de presente, mas seus pais acharam que um cavaquinho tinha o tamanho mais adequado para o garoto de sete anos. Fã de Beatles e Rolling Stones, foi crooner de vários conjuntos locais e, aos 13 anos, compôs suas primeiras canções.

Sequer havia terminado a escola secundária quando decidiu concluir os estudos e tentar a vida de artista na cidade do Rio de Janeiro. Sem dinheiro, foi morar na Casa do Estudante e se alimentava no restaurante Calabouço, ambos redutos do movimento estudantil e da resistência ao então regime militar. Os dois lugares foram fechados pela ditadura. Odair foi parar nas ruas, passando a frequentar o lado mais selvagem da Cidade Maravilhosa. Jovem, já possuía um olhar agudo sobre o Brasil real, e ali concebeu canções que se immortalizaram nestes mais de 50 anos de carreira, 40 discos lançados e 80 milhões de cópias vendidas. Sempre dialogando, como artista, com o brasileiro invisibilizado pela estética, pela moral e pelos costumes das classes alta e média.

Tendo como tema central a hipocrisia da sociedade brasileira, Odair cantou e ainda canta sobre o amor por prostitutas e empregadas domésticas, quando estas nem mesmo tinham suas profissões minimamente reconhecidas, lá no começo de sua carreira. Também escreveu sobre liberdade sexual, tabus, convenções sociais, religião, uso de drogas, homossexualidade, entre outras questões pouco usuais às rádios e programas de TV até então. Nos anos 1970, isso lhe custou dezenas de músicas censuradas e várias tentativas de boicote por parte da Igreja Católica e do governo militar.

Posicionado politicamente, mesmo cético em relação à política partidária, vai na contramão de outros artistas populares, que ora se vendem como neutros, ora se alinham à extrema direita. Odair cantou, por exemplo, *Eu vou tirar você deste lugar* durante o Festival Lula Livre, quando o atual presidente da República ainda dormia na cela da PF, em Curitiba, além de compor um álbum que pode ser encarado como uma crítica velada à Lava Jato, em 2016.

Hoje, artista independente, em pleno 2024, lança um novo álbum – *Seres Humanos & A Inteligência Artificial* –, em que utiliza a IA para que sua banda de apenas duas pessoas soe mais humana e analógica. No refrão da canção que abre o disco, Odair canta: “Somos o que nós fazemos. Somos o que nós amamos. Somos o que nós escondemos. Somos o que nós odiamos. Somos seres humanos”.

**Extra Classe – Como foi teu início, lá no final dos anos 1960, sair de Goiás pra ganhar o Rio de Janeiro e o país?**

**Odair** – Eu nasci em Morrinhos, interior de Goiás. Aos sete anos de idade, ganhei um cavaquinho. Eu tinha pedido um violão para os meus pais, mas eles acharam que o cavaquinho era mais apropriado para o meu tamanho. Lá pelas tantas, eu nem sabia mais por onde andava esse cavaquinho. Um pouco antes da minha mãe morrer, ela entregou esse cavaquinho pra minha mulher. Esse cavaquinho tem 68 para 69 anos e eu comecei a compor nele.

**EC – O que te influenciou? Tem algum artista que te inspirou e tu consideras determinante?**

**Odair** – Quando comecei, tinha a Jovem Guarda. A maioria dos jovens ia na onda dos Beatles, dos Stones e das bandas inglesas e americanas. Mas, de repente, a música jovem feita aqui começou a ter uma cara mais brasileira com o Caetano Veloso, Gilberto Gil, Roberto Carlos e Mutantes. Desde cedo, lá em Goiânia eu ouvia muito rádio. Eu escutava de tudo. Prefiro pensar que eu fui influenciado por várias pessoas. O rádio naquela época era muito eclético.

**EC – Alguma canção marcante?**

**Odair** – Quando eu chego no Rio e escuto no rádio *Alegria, Alegria!*, do Caetano Veloso, “caminhando contra o vento, sem lenço sem documento”, que ele tinha acabado de apresentar num festival, eu falei pra mim mesmo: “Cara, isso é muito diferente do que eu tô escrevendo. Tenho que repensar minhas composições. Tô muito atrasado e preciso me atualizar”. Então, é tudo uma questão de aqui e ali você ir catando influências. Como eu tive a sorte de conviver com Raulzito e outras pessoas que estavam mais à frente, fui aproveitando o conhecimento das pessoas e aprendendo com elas. E foi o que fiz até achar meu próprio som e sigo fazendo.

**EC – Com 18 anos, recém-chegado no Rio, como você saiu da Casa do Estudante e foi parar na gravadora CBS?**

**Odair** – Cheguei no Rio, de dezembro para janeiro de 1966, com pouco dinheiro, mas com alguns nomes de produtores e diretores de gravadoras para fazer contato. Entre eles, o Rossini Pinto. Eu fui atrás dessas pessoas, mas demorei um pouco para conseguir falar com eles. Não foi tão rápido conseguir falar com eles. O dinheiro acabou e fui morar na Casa de Estudante por um tempo e comia no restaurante dos estudantes, o Calabouço. Quando os militares fecharam tudo, em 1968, cada um vai para o seu lado, fazer seu caminho e lutar da sua maneira. Aí passei a circular pela Visconde do Rio Branco, 53, onde ficava a poderosa gravadora CBS. Ali conheci o Raulzito, que mais tarde seria conhecido como Raul Seixas, o Mauro Motta, o Renato Barros e o Rossini Pinto, que era naquele momento meu foco, porque ele possuía muita abertura nas gravadoras por ser um grande compositor e versionista. E foi ele quem me colocou na gravadora CBS, em 1969.

**EC – Como foi gravar com Raul Seixas?**

**Odair** – O Raul trabalhava na parte de produção. Eu o conheci em 1969. Ele tinha vindo da Bahia trazido pelo Jerry Adriani. Na Bahia, ele toca com Raulzito e os Panteiras. Então o Raul ficou meio como um representante do Jerry na CBS. Com o tempo, ele passou a servir não só ao Jerry, mas à gravadora. O Raulzito era um cara muito qualificado. Em 1970, o meu primeiro disco foi gravado por ele, apesar da produção ser assinada pelo Rossini Pinto. Quem ficava mesmo comigo no estúdio era o Raul. Às vezes, o produtor não tinha paciência de ficar ali no estúdio. O Raul dava ideias, resolvia questões de gravação, de som de bateria.

**EC – A boemia te surgiu de que forma?**

**Odair** – O lado noturno e boêmio do Rio eu conheci quando fui me hospedar na Praça Tiradentes, assim que cheguei no Rio. Num hotel que existe lá até hoje. Ali tem o Teatro João Caetano de um lado e o Carlos Gomes do outro. E perto do Teatro Carlos Gomes, naquela

época, ficava uma multidão, e não levou muito tempo para eu descobrir que era o ponto dos músicos. Eles se encontravam por ali, geralmente nas segundas e terças-feiras, para agendar trabalhos. Enquanto eu não conseguia alinhar conversas com as gravadoras, ao menos eu conseguia fazer uma agenda para tocar na noite, fosse para acompanhar alguém, fosse para me apresentar solo.

**EC – Venda de discos e sucesso artístico são a mesma coisa?**

**Odair** – O André Midani, que era o presidente da nossa gravadora (e um dos inventores do termo MPB), em seu livro – eu não li, mas me contaram – escreveu que “o Odair José vendia muitos discos para que a gente pudesse gravar Caetano Veloso e outros, que vendiam pouco”. Isso era o presidente que estava dizendo. Hoje existe muita discussão sobre likes e visualizações, onde, na verdade, isso é sucesso de fato.

**EC – E você acha que chegou onde queria chegar?**

**Odair** – De 1972 a 1976, vendi muitos discos e liderei paradas de sucesso. De 1975 para 1976, percebi que estava me repetindo. Eu liderava paradas, vendia discos, fazia shows, ganhava meu dinheiro, mas estava me repetindo. Os discos estavam muito iguais. Eu estava sendo cover de mim mesmo. Nos discos de 75 e 76 eu já estava pensando: isso não é fazer arte, é fazer negócio. Estava repetindo fórmulas. Foi quando me veio a ideia de propor um trabalho diferente, que é *O filho de José e Maria*. E ele não era diferente só na carreira do Odair José, ele era diferente de tudo que estava no mercado. E por isso talvez tenha assustado tantas pessoas. Tanto os concorrentes, quanto os colegas. Os cantores, na verdade, são concorrentes uns dos outros. Eles podem ser colegas, mas são concorrentes.

**EC – Ousadia incomoda?**

**Odair** – Então, quando eu faço *O filho de José e Maria*, se aqui-lo desse certo, eu obrigaria todo mundo a se mexer. Como não deu certo, não faltou “ufa!” e “ainda

bem que para ele deu errado!”. Só que agora, 47 anos depois, *O filho de José e Maria* é o disco mais importante da carreira do Odair José e eu vivi para ver isso.

**EC – Como tudo aconteceu antes, durante e depois da feitura da ópera-rock de 1977 *O filho de José e Maria* e de que forma impactou na tua carreira? Até excomunhão pela Igreja Católica se falou na época. Conta pra gente.**

**Odair** – Sobre a excomunhão, acho que ficou só na ameaça. Nunca fui atrás para saber ao certo. Primeiro, eu ia fazer um álbum com 18 canções. Eu saí da Polygram porque a gravadora não queria fazer o álbum. Eles não gostavam do projeto. O curioso é que começaram a falar que era uma ópera. E era realmente uma ópera, pois tinha uma música ligada à outra, contando uma história. Eu estava narrando a vida de uma pessoa. No caso, fazendo um paralelo com a minha própria vida, com a sua, com a de qualquer um. Com seus altos e baixos, com seus defeitos, com suas limitações, grilos, etc. A Polygram até disse: “Faz teu álbum conceitual, mas entrega um outro em paralelo para que a gente possa vender”. Na época, eu dava muito lucro e tal. Eu respondi: “Não existe outro álbum”. Aí não chegamos a um acordo e eu mudei de gravadora. Fui pra RCA Victor (depois BMG Ariola) com a promessa de que o disco sairia do jeito que eu queria.

**EC – Mas acabou sendo boicotado, né?**

**Odair** – Meu empresário na época era o Guilherme Araújo, que era o mesmo de Caetano, Gil, Gal e Bethânia. Ele que fazia as negociações. Segui trabalhando no álbum, um tanto afastado do meio. De repente, comecei a escutar um burburinho. As pessoas falando do meu trabalho sem nem conhecer. Eu não tinha mostrado as músicas e ninguém sabia o que iria gravar. “Esse cara é louco, vai jogar a carreira fora”, diziam. Esse disco foi retaliado antes mesmo de ser realizado. Já tinham decidido que aquele disco seria um fracasso.

## ENTREVISTA

**EC** – E daqui para diante, Odair? Depois de tudo isso, tendo liberdade artística plena e toda essa trajetória, para onde vai tua carreira? Já está compondo coisas novas? Está focado no disco novo?

**Odair** – Eu faço 76 daqui a 15 dias. Vou passar dos 76 anos e não sei até onde vou fisicamente. Eu tenho tocado bastante em festivais com público de 25 a 40 anos. Agora mesmo, estive em Fortaleza e teve um detalhe que me chamou a atenção. Depois do show, de repente, apareceu uma senhora com uma moça. A mãe explicou que a filha havia ameaçado ir sozinha caso ela não a levasse ao show. Eu perguntei por quê. Então ela falou que era por causa do disco *O filho de José e Maria*. “Ela é apaixonada pelo disco e sabe as músicas de cor”, disse a mãe. Então, isso é uma coisa fantástica!

**EC** – A obra ainda repercute?

**Odair** – Já tem uns 15 anos para cá que, vira e mexe, eu cruzo com jovens adolescentes que gostam deste disco. Eles descobriram o álbum agora graças às redes sociais e às plataformas. Inclusive, está saindo neste mês de agosto um livro só para falar desse disco. Tem até um nome curioso. Se chama *O evangelho segundo Odair*, do Leonardo Vinhas, para a editora Bar-

bante, de Curitiba. Espero que não me crie problemas! (risos).

**EC** – Teu novo álbum revisita vários temas já explorados por ti no passado, como homossexualidade, liberdade sexual, a decadência da civilização e, entre outros motes, a velhice. Isso tem a ver com o Odair ter chegado aos 75?

**Odair** – Isso vem do meu olhar sobre o outro. A preocupação existe não só por conta da minha idade mais avançada, mas porque ela sempre existiu. Eu sempre escrevi mais sobre aquilo que eu observava do que sobre o que eu sentia. Eu falo sobre aquilo que eu vejo. E o que eu tenho visto, já tem uns anos, e me causa muita preocupação é aquilo que digo na música *Tudo é culpa do DNA*: o fato de estarmos caminhando para um abismo da evolução, ou melhor, rumo à involução.

**EC** – Como assim?

**Odair** – Nós, a humanidade, estamos rumando para um caminho que eu acho que não é o mais sensato. Mas isso é uma observação minha. Posso estar errado. E aí cabe a mim, como compositor, certo ou errado, dar a minha visão sobre o que eu estou vendo. Então, eu venho, de uma certa forma, tentando chamar as pessoas pela música, para que elas prestem mais atenção ou repensem



Foto: Guilherme Weimann

**Tento chamar as pessoas pela música para que prestem mais atenção ou repensem alguns de seus comportamentos no sentido de avaliar o que cada um está fazendo da sua própria vida.**

alguns de seus comportamentos e atitudes no sentido de avaliar o que que é a vida, o que cada um está fazendo dela.

**EC** – O que mais te preocupa?

**Odair** – Essa religiosidade exagerada das pessoas, quando se expressa de uma forma muito radical, impositiva, preconceituosa e excludente. Porque fé todo mundo tem o direito e é bom que tenha. A religião até faz bem para a sociedade se for vista e praticada de uma forma inteligente. Mas quando eu vejo as pessoas se atirarem de cabeça e de uma forma burra – me desculpe a expressão –, é assustador.

**EC** – Tem previsão de shows no Rio Grande do Sul?

**Odair** – Quando comentei que

ia dar essa entrevista, pensei: pô, faz tempo que eu não falo com o pessoal do Rio Grande do Sul. Teve uma época que eu não saía daí. Agora faz tempo que eu não vou. Espero que tenha uma oportunidade de aparecer por aí. Quero dizer para o pessoal do Rio Grande do Sul e do Brasil inteiro, mas principalmente aí para os gaúchos, que o primeiro estado em que eu fiz sucesso foi o RS. Quando lancei o álbum de 1970, fui comunicado pela gravadora que estava com uma música estourada no Rio Grande do Sul chamada *Sua cartinha*. Eu gosto muito da região. Tenho saudades e espero a qualquer hora poder aparecer aí para cantar minhas canções.

Leia a entrevista completa em:  
[www.extraclasse.org.br](http://www.extraclasse.org.br)

**A orientação jurídica correta faz toda a diferença na hora de cuidar do patrimônio familiar.**

Professores do ensino privado têm à disposição uma assessoria especializada para proteger seus bens em questões de inventário, testamentos e planejamento sucessório.

**CAINELLI**  
ADVOGADOS

Para saber mais sobre seus direitos previdenciários, trabalhistas e cíveis, conte com nossa experiência de 27 anos na defesa dos professores do Ensino Privado. **Entre em contato através do WhatsApp:**

 **51 3237.2791\***

\* WhatsApp exclusivo para mensagens de texto.



MARCO AURÉLIO WEISSHEIMER

## Mais espigões e menos árvores: esse foi o aprendizado da tragédia climática?

*Os efeitos, para quem foi afetado diretamente com perda de vidas, de bens materiais e afetivos são mais evidentes, mas eles podem ir mais além e nos afetar como comunidade de um modo que não conseguimos perceber direito*

Foto: Giulian Serafim/PMPA



**D**urante o período do isolamento social que marcou a pandemia, era comum encontrar nos registros que as pessoas faziam nas redes sociais afirmações de que a humanidade sairia melhor daquela experiência. O que justificava esse otimismo era a existência de uma experiência difícil e dramática que estava sendo vivida por praticamente toda a humanidade. O planeta ficou menor e, graças às novas plataformas de comunicação digital, mais conectado. Os meses foram se passando, no entanto, e começaram a aparecer os sinais de que esse otimismo talvez fosse um pouco exagerado. As manifestações e atitudes de negacionistas, muitos deles ocupando posições de governo, em relação às vacinas que começavam a ser desenvolvidas, indicavam problemas à vista para esse crescimento da humanidade como um todo.

Ao todo, foram cerca de dois anos de isolamento, de milhares de mortes, adoecimentos, separações, traumas e aprendizados sobre busca de novas formas de convívio, relacionamentos e trabalhos. Mas, à medida que o tempo foi passando, crescia a pressão para que voltássemos logo à nor-

malidade, como se o que tivesse acontecido naqueles dois anos fosse um detalhe facilmente superável. Em uma escala bem menor, mas não menos intensa, parece que estamos vivendo uma experiência similar aqui no Rio Grande do Sul em relação à tragédia climática que se abateu sobre o estado em maio deste ano.

Assim como na pandemia, fomos todos como que jogados numa dimensão paralela que atingiu em cheio nossas vidas e impactou profundamente nosso cotidiano. Assim como na pandemia, o sofrimento causado pela enchente, além das dores, perdas e destruição que gerou, despertou uma onda de solidariedade e um crescimento da percepção que a reconstrução a ser feita quando tudo aquilo passasse deveria ser realizada a partir de outro paradigma de desenvolvimento e relação com a natureza. Mas qual foi mesmo o resultado na nossa vida social da junção desses dois eventos dramáticos em um curto espaço de anos?

Se alguém dissesse, em 2019, que nos cinco anos seguintes viveríamos uma pandemia que nos deixaria isolados socialmente e, alguns anos depois, uma catástrofe

climática com uma destruição sem precedentes no Rio Grande do Sul, pouca gente levaria a sério a previsão. No entanto, cá estamos, cinco anos depois, acumulando em nossa bagagem de vida dois eventos disruptivos, que nos arrancaram de modo abrupto de nosso cotidiano e, mais grave, custaram a vida de milhares de pessoas e, no caso da enchente de maio de 2024, a destruição de casas, patrimônios, memórias e afetos.

Ainda não está claro como esses dois eventos afetaram a nossa saúde mental e a nossa subjetividade de modo mais amplo, tanto isoladamente cada um, quanto somados, no caso da população do RS. Os efeitos, para quem foi afetado diretamente com perda de vidas, de bens materiais e afetivos são mais evidentes, mas eles podem ir mais além e nos afetar como comunidade de um modo que não conseguimos perceber direito.

Durante o auge da enchente, as comparações com o que vivemos durante a pandemia vieram quase que automaticamente à nossa mente. Foram dois eventos com suas diferenças e particularidades, com certeza, mas ambos, ao nos arrancarem de nosso cotidiano, abriram espaços

comuns para refletirmos sobre o modo de vida que estamos levando, seus limites e contradições.

Mas apenas alguns meses após o que todos chamaram de "tragédia climática", reapareceu a pressão por voltar logo à normalidade, sem dar o devido peso e a importância ao que havia acontecido conosco. Esse não seria um caminho certo para alimentar novas tragédias em futuro próximo? Talvez seja importante pensar em que medida essa pressão de "voltar logo à normalidade", que torna a aparecer agora, não varre para debaixo do tapete debates sobre as dimensões mais profundas que vivenciamos nesses dois eventos.

No final de agosto, na paisagem urbana de Porto Alegre, duas cenas chamam a atenção sobre essa "volta à normalidade": a retomada da construção de grandes edifícios por toda a cidade e a derubada de árvores, muitas delas motivadas por essas obras. A combinação dessas duas cenas parece nos indicar que, mais uma vez, não sairemos melhores da experiência dramática que acabamos de vivenciar. Parece que ainda foi pouco para deixar uma lição sobre o nosso atual modo de vida.

A fazenda New Milk, da família Neuberger, em Coqueiro do Sul (RS), mostra que a produtividade pode e deve estar associada à sustentabilidade

Foto: Central/Divulgação

# Superação do descompasso entre desenvolvimento e sustentabilidade é liderada por cooperativas

por Elstor Hanzen

*Tragédias climáticas como as recentes, diante das quais o RS busca se reerguer, têm raízes no modo de produção e consumo. Mesmo com as causas e consequências identificadas dos fenômenos, ainda prevalece um descompasso entre os que defendem o crescimento a qualquer custo e os que advogam apenas pela causa ambiental, um ranço que é histórico. Entretanto, há modelos de produção que têm procurado unir desenvolvimento e sustentabilidade, como é o caso das cooperativas do estado, hoje responsáveis por 13,5% do PIB gaúcho*



**H**á uma ideologia de base no Ocidente do século 18 que segue no mundo nos dias atuais e parece unir todos: a ideologia do crescimento. Um ponto central capaz de colocar lado a lado esquerda e direita, ou “todos no mesmo saco”, como assegura o professor do Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Elimar Pinheiro do Nascimento.

“Não conseguimos pensar o mundo sem crescimento. Ele foi a base do nazismo alemão, do stalinismo russo e do capitalismo liberal norte-americano. Viver sem o crescimento, para a maioria esmagadora das pessoas, é impensável”, contextualiza o especialista em sustentabilidade. Tudo galgado em dois pilares: produção e consumo.

Uma primeira inflexão nessa lógica ocorreu na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em junho de 1972, em Estocolmo, na Suécia. O evento foi um marco em evidenciar a finitude dos recursos naturais diante

de um desenvolvimento econômico permanente, estabelecendo 19 princípios em um manifesto ambiental para os tempos em curso. “Defender e melhorar o meio ambiente para as atuais e futuras gerações se tornou uma meta fundamental para a humanidade”, diz um trecho da declaração.

O professor da UnB resume que duas definições foram consenso no encontro. O desenvolvimento econômico tem um limite real, que é a disponibilidade de recursos naturais, e toda transformação realizada pela atividade humana provoca uma entropia, uma energia de impacto negativo na natureza.

“A partir daí, houve um embate. Os países ricos, do Norte, queriam simplesmente parar o desenvolvimento econômico. Por outro lado, os do Sul reagiram, dizendo ‘Peraí, não podemos parar o desenvolvimento porque temos um mar de pobreza’. Então surgiu a ala desenvolvimentista *versus* a ecologista”, lembra Nascimento.

A dicotomia entre desenvolvimento econômico e sustentável é menor do que parece, uma vez que ambos admitem o crescimento econômico, destaca o professor. Ele enfatiza que o crescimento da produção de bens e serviços e o

Foto: Igor Sperotto



Modelos de agricultura sustentável e sem uso de veneno, como no caso das cooperativas da reforma agrária, ligadas ao MST, também demonstram viabilidade econômica

consumo, em geral, degradam a natureza. Por isso, propõe uma transição com adoção e implementação de medidas fortes, a fim de se alcançar a sustentabilidade de fato. Entre as ações, “tributações, taxas zero à produção que regenera a natureza, pequenas para os que não a degradam e elevadas, muito elevadas aos que a degradam, incluindo taxações sobre os super-ricos”, recomenda.

Do lado do consumo, também indica alternativas para a sustentabilidade. Segundo o *expert* em questões ambientais da Ufam, proibir a obsolescência programada, ou seja, produção com previsão de curto ciclo de vida para os produtos – uma lâmpada pode

durar décadas, mas é programada para queimar em torno de um ano ou dois, no máximo; a substituição de carros particulares por meios de transporte coletivos, reduzindo, assim, a produção de gases de efeito estufa; e a eliminação da produção de plásticos de uso único, diminuindo drasticamente o uso de embalagens, enumera o professor Elimar Nascimento.

Além disso, há índices que precisam crescer fortemente para garantir o desenvolvimento humano, ressalta o pesquisador da UnB. Entre eles, estão a distribuição de alimentos, o acesso à água, à educação de qualidade e aos serviços de saúde.

## Cooperativismo na dianteira

Em tempos de mudança climática, o sistema cooperativista do Rio Grande do Sul está um passo à frente na adoção de modos mais sustentáveis de produção.

As medidas vão desde o uso de energia limpa até as adaptações feitas nas fazendas de

leite. O setor movimentou, em 2022, R\$ 81,9 bilhões, 14,9% mais do que no ano anterior, responsável por 13,5% do PIB do RS. Os dados são da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (Ocergs).

O presidente do Sistema Ocergs,

Darci Hartmann, afirma que a enchente de maio deste ano reforçou que a perenidade das empresas depende da sustentabilidade do planeta. Segundo ele, o cooperativismo tem atuado intensamente nesta linha, tanto na defesa de concepções mais sustentáveis de produção como na implementação de práticas.

“Nosso sistema produtivo hoje tem preservação das nascentes, de matas ciliares e cobertura do solo, como o projeto 365, que estabelece melhorias da qualidade química, física e biológica dos solos agrícolas. Assim, se busca elevar a sustentabilidade e a rentabilidade das propriedades rurais do estado”, cita.

Para o professor da UnB, as organizações dirigidas por coletivos, como as cooperativas, tendem a ser mais equânimes. “Não é automático, mas as condições

são mais favoráveis a uma melhor distribuição das riquezas produzidas”, salienta Nascimento. Na mesma toada, há outros exemplos, como a agricultura do cacau no sul da Bahia, que, atualmente, pratica uma agricultura regenerativa, conforme o professor da Federal de Brasília. “Porque, na realidade, não basta mais proteger a natureza apenas, é preciso regenerá-la”, orienta.

Hartmann explica que a iniciativa do projeto 365 faz com que todos os dias do ano o solo fique protegido, gerando carbono positivo. “Nos últimos 10 anos, melhoramos bastante isso, alinhando o cuidado e a preservação do meio ambiente com a melhoria da produtividade. Não buscamos lucro a qualquer preço, mas resultados os quais possam ser reinvestidos em nossa comunidade”, destaca o presidente.

Foto: Igor Sperotto



Em 2022, o setor de cooperativas movimentou R\$ 81,9 bilhões, 14,9% mais do que no ano anterior, responsável por 13,5% do PIB do RS

## Práticas no campo

Com a população mais consciente sobre a necessidade de produzir com responsabilidade, há maior chance de integrar desenvolvimento, sustentabilidade e responsabilidade social, visando a uma maior rentabilidade. Uma das cooperativas da agropecuária e indústria mais conhecidas do estado é de Não-Me-Toque. A Cotrijal é responsável pela produção de cerca de 35% da energia utilizada na cooperativa. São 10 usinas, que somam mais de 9 mil placas solares, com a possibilidade de gerar em torno de 7,2 milhões de kW/h a cada ano.

Além disso, em 2024, a utilização de energia do Mercado Livre já gerou R\$ 2,4 milhões em redução de custos, valor que representa 32,86% de economia em relação ao total de gastos no ano com energia elétrica. Em 2023, reduziu-se o equivalente à emissão de

cerca de 420 toneladas de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), um dos gases causadores do efeito estufa. Desde 2019, 1.797 toneladas de CO<sub>2</sub> deixaram de ser emitidas por causa das práticas sustentáveis.

Distante a aproximadamente 60 quilômetros de Não-Me-Toque, em Coqueiro do Sul, fica a fazenda New Milk, da família Neuberger, associada da Cotrijal. A propriedade produz leite e conta com um sistema de boiler de aquecimento de água, placas solares e sistema de gado confinado em *compost barn* – cama de serragem e compostado junto aos dejetos –, o qual vira adubo orgânico, substituindo os fertilizantes químicos. “A cama como adubo é muito bom. Tivemos aumento de custos, mas também aumentou a média de produtividade das vacas, compensando o valor investido”, ressalta Ricardo Neuberger,

Foto: Divulgação Cotrijal



Usina fotovoltaica localizada ao lado do parque da Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque

um dos proprietários da fazenda.

Além do leite, a família também produz grãos, como soja, trigo e milho para silagem e pastagens para a alimentação dos animais. Ricardo lembra, ainda, que o sistema de energia limpa foi instalado há cerca de cinco anos. Segundo ele, o fotovoltaico foi colocado devido aos altos custos da conta de energia. Após

a implementação, o valor gerado em economia, que seria destinado a pagar a conta de luz, está sendo utilizado para quitar o investimento. Inicialmente, foram instaladas 64 placas solares e, com o aumento da demanda de energia, a família dobrou a quantidade de placas solares no ano de 2022. Atualmente, a propriedade conta com 128 placas.

## Velhos e novos problemas

Para o professor de Pós-Graduação da Ufam, todas as iniciativas que resultam em sustentabilidade são indispensáveis e devem ser exaltadas. Práticas nas indústrias mais eficientes,

economia circular, embalagens tóxicas substituídas e reduzidas, carros sem combustão fóssil são avanços pontuais, porém ainda insuficientes. “É relevante obter sucessos globais – tanto na mu-

dança de produção como no consumo –, reduzir a poluição e a perda de biodiversidade, a fim de eliminar os gases de efeito estufa”, resume.

Por fim, Nascimento lamenta a

atual dicotomia: “A divisão mais marcante entre os humanos hoje é aquela que separa os que acreditam na crise ecológica provocada pelas atividades humanas e os que não acreditam”.

# Para quem é da capital Para quem é do interior

Obras em casa?

Sossego para estudar?

Nova orla do Guaíba?

Shows e espetáculos?

25 apartamentos em Porto Alegre com preços mais baixos para associados do Sinpro/RS e descontos especiais para mensalistas. Quem é do interior aproveita o que tem de melhor na capital e fica muito bem acomodado. Quem é de Porto Alegre não passa aperto em casa porque sempre tem onde ficar. Seus parentes e amigos também são bem-vindos.

RESERVAS

[casadoprofessor.sinpro.rs.org.br](http://casadoprofessor.sinpro.rs.org.br)



Foto: Jefferson Rudy/Agência Senado

Presidente do Senado Federal, Rodrigo Pacheco (PSD-MG); secretário-geral da Mesa do Senado Federal, Gustavo A. Sabóia Vieira; presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL)

# A Reforma Tributária ainda está por vir

por Marcelo Menna Barreto

A questão tributária atual do Brasil é uma discussão de décadas. Em um feito histórico, o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aprovou e promulgou, em dezembro de 2023, o que é chamada a primeira etapa da busca de um sistema de impostos mais justo para todos. É a Reforma

Tributária sobre o consumo que está no momento em processo de regulamentação no Parlamento.

Já a segunda fase – a que prevê a reestruturação da forma de pagamento de impostos sobre a renda, lucros, dividendos e patrimônio –, considerada a mais importante por apresentar os pres-

supostos para reduzir, de fato, a desigualdade entre quem paga, não paga e como se pagam os impostos, acabou adiada.

O projeto original enviado pelo Executivo ao Congresso Nacional tinha cerca de 300 páginas. Após modificações, o texto segue da Câmara dos Deputados para a

avaliação do Senado e já passa das 500 páginas. Senadores já sinalizam por mais mudanças.

Há questionamentos sobre o que foi aprovado na Câmara. Em especial, sobre o descumprimento da alíquota média de 26,5% para a tributação sobre o consumo.

A trava foi assegurada pelo Senado durante as discussões com o Ministério da Fazenda. Algumas estimativas agora projetam essa alíquota em cerca de 27,3%.

O teto foi furado por mudanças de última hora para beneficiar setores como o agronegócio.

Com 319 deputados, a bancada ruralista aprovou 18 emendas, incluindo a não taxação sobre a proteína animal na cesta básica. Só isso aumentou a alíquota em 0,53 ponto percentual.

Nota técnica do Ministério da Fazenda confirmou que a alíquota padrão do Imposto sobre Valor Agregado (IVA) pode chegar a 27,99%, depois das alterações feitas pela Câmara dos Deputados na regulamentação da proposta. Assim, o país poderá ter o maior IVA do mundo, à frente da Hungria, que tem taxa de 27%, a maior entre os países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

## E o IVA se desdobrou

A ideia de adotar um único tributo, o Imposto sobre Valor Agregado (IVA) para simplificar o complexo sistema de taxação sobre o consumo no Brasil, foi adaptada no Projeto de Emenda Constitucional (PLP) 68/2024.

Em vez de um tributo único, a proposta cria dois impostos principais: a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), que funcionará como um IVA federal, e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), o qual será um IVA subnacional.

Ambos seguem a lógica do IVA. Incidem sobre o valor agregado em cada etapa da cadeia produtiva, mas são divididos entre diferentes esferas de governo.

A CBS unificará o PIS e a Cofins. Já o IBS, o ICMS (estadual) e o ISS (municipal).

## Reforma ou modernização?

Paulo Kliass, Doutor em Economia pela UFR - Sciences Économiques - Université de Paris 10 e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal, mesmo tendo uma visão crítica do processo que não chama de reforma, mas de modernização tributária, vê as mudanças com bons olhos.

“Com a unificação das alíquotas, a guerra fiscal entre estados e municípios vai acabar. Eles não poderão mais reduzir unilateralmente

o ICMS e ISS para atrair empresas ou setores. Além disso, as disputas judiciais entre União, estados e municípios sobre a cobrança de tributos também devem diminuir, já que as competências tributárias serão mais claras, evitando que questões fiquem *sub judice*”, entende.

O PLP ainda estabelece o Imposto Seletivo (IS). A ideia é taxar produtos prejudiciais à saúde e ao meio ambiente. O objetivo é desestimular o consumo e reforçar a receita pública federal.

## Consumidor paga o pato?

A plena não cumulatividade no PLP estabelece que o imposto pago em uma etapa da produção pode ser descontado do devido na próxima etapa. Assim, se uma empresa paga tributo pelos insumos, pode descontar esse valor ao calcular o imposto sobre o produto final. Isso evita que o imposto se acumule em cada etapa.

A ideia é tomar o sistema mais justo e reduzir o custo final dos produtos.

Dão Real Pereira dos Santos, auditor da Receita Federal, diretor de Relações Internacionais do Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil (Sindi-

fisco) e membro do Instituto Justiça Fiscal, acredita em uma “recalibração” de preços, que pode acabar onerando os consumidores finais.

Um dos motivos se dá pelo fato de que as empresas exportadoras que não pagam impostos receberão de volta toda a tributação paga durante sua produção.

Para compensar a devolução aos exportadores, o preço dos produtos pode subir para os consumidores nacionais. Além disso, a reforma irá unificar a tributação de serviços e mercadorias, o que pode aumentar o preço em alguns casos, explica.

## E a renda?

Kliass é enfático: “Para uma Reforma Tributária ser considerada, de fato, uma reforma, são necessárias mudanças substanciais na estrutura tributária”. Segundo ele, sem tocar

nas questões de renda, dividendos e patrimônio, somente uma “modernização tributária” será feita.

“Não se mexeu nas alíquotas do Imposto de Renda (IR), não se mexeu

## O cashback

Uma inovação apresentada é o cashback. Ele foi uma forma que o governo encontrou para devolver parte dos impostos pagos para auxiliar famílias de baixa renda.

Direcionado para as famílias que recebem até meio salário mínimo por pessoa, o mecanismo visa devolver até 100% dos impostos pagos nas contas de luz, água, esgoto e gás de cozinha; 20% dos impostos pagos em outros produtos e uma redução de 20% no imposto IBS de forma geral.

Nathalie Beghin, economista, Doutora em Políticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB) e integrante do Colegiado de Gestão no Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), assim como Kliass e 99,9% de seus colegas economistas entendem que o primordial para uma justiça tributária, realmente, no Brasil só pode ser alcançado com a reforma na tributação da renda. Afinal, como a base da arrecadação do país se encontra no consumo e não na taxaço da renda e patrimônio, são os mais pobres que pagam proporcionalmente mais impostos no país.

Ela, no entanto, vê que o cashback e outras medidas propostas

Foto: Inesc/Divulgação



Nathalie Beghin, economista

pelo governo federal introduzem componentes de promoção da equidade dentro da tributação indireta, da tributação do consumo.

“Se a maior parte da renda das famílias empobrecidas vai para alimentação, zerar a alíquota para a cesta básica de alimentos *in natura* e devolver 100% do imposto cobrado sobre o gás pode ser um grande ganho do ponto de vista do combate à desigualdade. Como as pessoas empobrecidas são também mulheres e pessoas negras, uma medida desse tipo não só combate a pobreza, como contribui também para combater a desigualdade de gênero e raça”, entende Nathalie.

no Imposto sobre a Propriedade, não se mexeu no Imposto sobre Grandes Fortunas”, detalha o economista.

A preocupação se acentua quando, na progressividade da

taxação da renda, quem ganha acima de R\$ 4.664,68 é “considerado rico neste país” e paga a alíquota máxima do Imposto de Renda, 27,5%, ironiza Kliass.

**A pandemia e a tragédia climática nos ensinaram que a solidariedade não pode parar**

Faça sua contribuição e ajude professores desempregados, comunidades indígenas, instituições carentes e pessoas em situação de rua.

**Colabore com qualquer valor por depósito na conta bancária ou via PIX**  
 Banrisul: 041 | Agência: 0100 | Conta: 06.253.0242-2  
 CNPJ Sinpro/RS: 92.948.389/0001-10 | CHAVE PIX – 51 99733-7506

**Professores SOLIDÁRIOS**  
 SINPRO/RS  
 Sindicato Cidadão

## Imposto de Renda e grandes fortunas

Em agosto, o presidente Lula reafirmou suas intenções de isentar do IR quem ganha até R\$ 5 mil mensais. A promessa de campanha ainda não saiu devido ao equilíbrio fiscal. Lula também considera avaliar a isenção de

impostos sobre lucros ou resultados das empresas para os trabalhadores.

Presidente da Central Única dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul (CUT-RS), o professor Amarildo Pedro Cenci comemora

o compromisso de Lula, mas diz que não pode parar por aí.

“Além dessa isenção e da correção da tabela (do IR), o movimento sindical entende ser fundamental taxar grandes fortunas e dividendos. Também reivindica

que o benefício dos aposentados não seja considerado uma renda. Hoje, na hora que o trabalhador se aposenta, o benefício passa a ser uma renda que é tributada dentro de uma tabela já injusta, não corrigida”, afirma.

## Complexidade técnica e delicadeza na política

Se Nathalie compreende que há um compromisso firmado de se apresentar após as eleições a segunda fase da reforma, ainda há incertezas e até uma certa preocupação no ar.

Não que parem dúvidas sobre as boas intenções do governo, diz Santos, do Sindifisco. “Eu, particularmente, acho que acertou o governo em não encaminhar essa reforma da renda agora”, declara.

Ele fala da obrigação de o Executivo apresentar uma proposta para a tributação da renda e patrimônio em até 90 dias após a aprovação e sanção presidencial da Emenda Constitucional que estabelece mudanças na tributação sobre o consumo no país.

Como não havia penalização prevista por descumprimento do prazo, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), optou por priorizar a regulamentação da primeira etapa da Reforma Tributária e projetos da pauta microeconômica do governo, além da chamada “agenda verde”.

Ao contrário da primeira fase que exigia uma alteração constitucional, a segunda pode ser viabilizada via PL. Isso, em tese, permite um trâmite mais rápido devido ao quórum simplificado e à aprovação em turno único.

Mas não é bem assim. Os interesses em jogo requerem um amplo debate entre as casas legislativas – Câmara e Senado – e o Executivo.

Haddad chegou a afirmar que o governo optou em resolver o problema do consumo antes de abordar a questão da renda por dois motivos. Primeiro, porque o tema do consumo é mais complexo tecnicamente. Segundo, porque a discussão sobre a renda pode ser tratada com lei ordinária e é politicamente mais delicada.

## É a correlação de forças

Nas palavras do próprio ministro, um tema político “muito mais espinhoso”, ao destacar que no Brasil o imposto sobre a renda acaba penalizando os setores mais pobres e favorecendo os mais ricos pela baixa progressividade da tributação.

Santos é mais direto: a correlação de forças no Congresso não facilita a vida do governo Lula.

“Primeiro, o cenário que se apresentou na reforma da tributação do consumo foi um cenário em que o setor econômico se mobilizou de forma muito forte, controlou a reforma da tributação sobre o consumo e o setor popular não conseguiu se mobilizar. Essa é a realidade. A tributação sobre o consumo é uma tributação sobre o consumidor, ou seja, sobre os mais pobres. E quem determinou as regras dessa tributação foram os setores mais ricos”, lamenta.

Sem a alteração desse panorama, o dirigente sindical indaga qual seria a expectativa. “A chance de entrar uma reforma progressiva de renda no Congresso Nacional e sair uma coisa pior é muito grande”, responde.

Exemplos não faltam. Lobbies, por exemplo, deixaram de fora do Imposto Seletivo agrotóxicos e alimentos ultra-

processados. “Quer coisa que prejudique mais a saúde?”, indaga Santos.

Para o dirigente sindical, o princípio da neutralidade no PLP que sujeita todos os produtos e serviços a uma mesma alíquota, fora as exceções, pode acabar fazendo com que classes mais abastadas tenham tributação reduzida em compras que no atual princípio da seletividade seriam consideradas “supérfluas”. Exemplos seriam motos e carros de alta cilindrada, jet-skis e embarcações de luxo.



Dão Real Pereira dos Santos, auditor da Receita Federal



**Seu Cartão do Associado agora também é virtual e está no novo App do Sinpro/RS.**

Mais prático, mais completo e mais fácil de economizar.

Mais de 500 convênios em produtos e serviços com descontos para você.

Baixe ou atualize o seu

Download on the App Store

GET IT ON Google Play

**SINPRO/RS**  
Sindicato Cidadão



# Eleições: um olho em 2024 e outro em 2026



por Marcelo Menna Barreto

*As eleições de 2024 serão muito mais do que a escolha de 5.568 prefeitos e 57.119 vereadores de Norte ao Sul do país. Os resultados irão compor um mapa que, na visão de quem acompanha a política nacional, apontará possíveis rumos do Brasil em 2026.*

*A matemática é simples. Estes futuros prefeitos e vereadores serão eventuais cabos eleitorais de candidatos a deputados estaduais, federais, governadores, senadores e presidente da República. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), antagonistas do pleito de 2022, de certa forma, terão suas forças políticas postas novamente à prova.*

*O cenário agora está mais próximo do dia a dia da população. Será uma eleição sob influência de emendas parlamentares infladas pelo Congresso Nacional, que reduziu o orçamento do Executivo para políticas públicas à metade. Foi a troca pela sobrevivência política do ex-presidente Jair Bolsonaro herdada por Lula.*

*No campo da ideologia ou do pragmatismo, uma coisa é certa: as eleições municipais no Brasil servem como base de sustentação para carreiras e avanço político, tanto no nível estadual quanto no federal.*

**S**ilvana Krause, doutora em Ciência Política pela Katholische Universität Eichstätt (Alemanha) e professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), evidencia: "Eleição municipal sempre é um momento de avaliação das forças políticas para daqui a dois anos, um termômetro para ver como é que está a expectativa do eleitorado em relação ao contexto político".

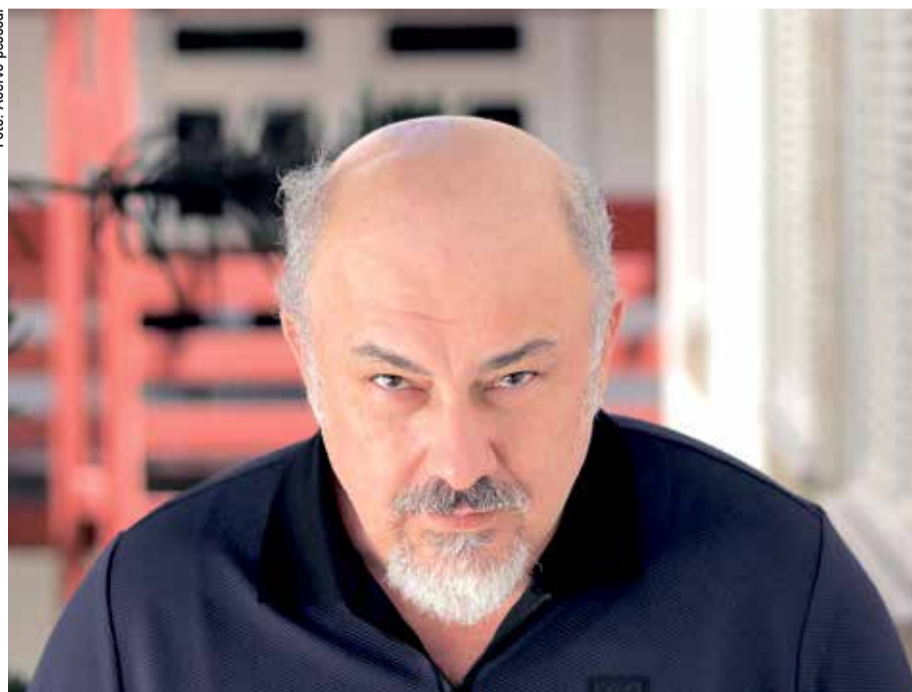
João Feres Júnior, doutor em Ciência Política pela City University of New York (EUA) e professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), vê nas eleições deste ano, "em grande medi-

da, um teste da resiliência do bolsonarismo sem o Bolsonaro".

Jessé Souza, doutor em Sociologia pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg (Alemanha) e autor de best-sellers como *A Elite do Atraso* (Leya) e *A Ralé Brasileira* (Civilização Brasileira), sentencia: "A batalha agora é evitar a fascitização do país".

Luís Nassif, jornalista, fundador do portal GGN, aponta estar em curso um cenário perigoso para o futuro dos brasileiros: "Uma articulação entre mercado e ultradireita. Lula está dando tudo que o mercado quer na política monetária e cambial, mas não dá a cereja do bolo, que é a queima de estatais".

Foto: Acervo pessoal



Para João Feres Júnior, da Uerj, as eleições municipais servirão de teste de sobrevivência ao bolsonarismo

## Direita fortalecida, mas...

O fortalecimento da direita é um consenso em todas as análises. Outro, a pulverização dela. É a fragmentação dessa direita que, na opinião de Feres Júnior, pode favorecer candidatos alinhados às ideias de Lula nas prefeituras de municípios sem segundo turno, aqueles com menos de 200 mil eleitores e que o nome do prefeito sai junto dos vereadores eleitos no próximo dia 6 de outubro.

Já para 27 de outubro – caso nenhum candidato ao Executivo obtenha mais de 50% dos votos válidos –, diz o professor da Uerj, o jogo é mais complicado. “Toda a direita se une e os candidatos da esquerda vão precisar, de alguma maneira, tentar tirar votos por uma franja mais ao centro.”

O partido do presidente Lula “perdeu muita capilaridade em municípios” e busca recompor a base de apoio do governo federal

em uma estratégia de apostar em candidatos viáveis, mesmo que não estejam em seus quadros, descreve Feres Júnior. Isso ocorre em São Paulo onde, pela primeira vez, o PT deixa de lançar candidatura própria. “Tem esse lado. De ganhar terreno”, argumenta.

Nassif vê o governo Lula no meio de um “jogo complexo”, com falta de criatividade em iniciativas para a geração de mais legitimidade e apoio popular, o que é um grande problema.

“É assustador”, diz Nassif. Pois isso ocorre enquanto extremistas se apoiam em um discurso simples e destrutivo. A esquerda, por outro lado, enfrenta dificuldades para formular uma fala unificada e eficaz.

“O governo está empenhado nessas guerras dentro do Congresso para manter a governabilidade. Então, fica em uma situação



Foto: Marcelo Menna Barreto

Jessé Souza considera o momento da eleição municipal muito importante para evitar o processo de fascistização do país

enrolada para enfrentar a onda da ultradireita. A bandeira dela é destruição das instituições e bala

contra malfeitor. E malfeitor é todo mundo que discorda, né?”, lamenta o jornalista.

## Da polarização (de um só lado) à volta ao centro

Silvana Krause fala sobre a onda que muitos cientistas políticos definem como uma polarização calcificada e que foi se construindo desde a eleição de 2014.

“Chama atenção porque, ao que parece, ela (a polarização)

não está tão calcificada assim”, opina a professora da Ufrgs. No seu entendimento, os estrategistas políticos têm percebido que “tem um centro aí que está precisando ser ocupado, que está precisando ser reorganizado para cumprir um

outro papel”.

Acontece, de fato, o que Souza relata. “Todo o mundo é meio que forçado a se tornar alguma coisa como o centro, especialmente aqui entre nós. Na França, um pouquinho menos”, afirma, ao lembrar a Nova Frente Popular (NFP). Formada para o segundo turno das eleições do Parlamento francês, a coalizão de esquerda barrou a vitória da extrema direita e surpreendeu. Ficou como o maior bloco na Assembleia Nacional francesa. “Não se sabe até quando”, pondera o sociólogo.

Estudos de grupo que Feres Júnior realiza corroboram em parte com a ideia de Silvana. “Essa polarização Lula versus Bolsonaro, na verdade, é dos bolsonaristas; não dos que votam no Lula. Os lulistas, vamos dizer assim, se perguntam para eles sobre as intenções de voto, falam que ainda estão vendo

quem são os candidatos. São os bolsonaristas que já estão fechados. Não é verdade que há uma polarização total”, explica o professor.

A análise geral é que, se alguns candidatos insistem em bater na tecla da polarização ideológica, isso se dá – com exceções – para fugir da ausência de propostas concretas para os problemas reais da população. A evidência nacional está na figura do candidato à prefeitura de São Paulo Pablo Marçal (PRTB).

Silvana traz o exemplo de Porto Alegre. A polarização é canalizada pela disputa entre os governos federal, estadual e municipal. “Há uma polarização da responsabilização da tragédia (climática), que é muito diferente de uma polarização ideológica”, indica, ao rememorar a enchente de maio que inundou as ruas da capital gaúcha.



Foto: Alex Garcia

Silvana Krause, da Ufrgs, acredita que a polarização não está tão calcificada assim

## Bolsonarismo passará por teste nas urnas

Silvana e Feres Júnior fazem coro na avaliação de que Bolsonaro foi o responsável por levar a direita brasileira para o extremis-

mo, mas que passará por um teste nas eleições deste ano.

“Isso é uma questão, se o bolsonarismo vai se sustentar como

aglutinador de um movimento. Lideranças conservadoras nos municípios vão se manter fiéis em meio de um contexto em que

Bolsonaro perde avaliação positiva?”, indaga a professora.

Feres Júnior lembra que parte da direita tradicional “namora” com o



eleitorado de Bolsonaro em várias regiões do Brasil. "Eu costumo dizer que conheço bolsonaristas desde que eu era criança. Sempre houve gente contra gays, contra negros, com postura autoritária e Bolsonaro os deu representação política.

Como a direita tradicional implodiu, esse pessoal está competindo com outros mais novos, bolsonaristas mais raiz, para mostrar quem é mais reaçã. É uma coisa terrível, mas, ao mesmo tempo, acho que cria algumas oportunidades para progressistas nessa divisão", avalia o professor.

Por outro lado, Silvana vê a Frente Ampla que acabou "por pouco" com os sonhos de reeleição de Bolsonaro não se reproduzir nos municípios. "Isso mostra a fragilidade, o quanto o poder estadual e o poder local não têm projeto de nação. Não interessa que teve Frente Ampla. Aqui no meu campo de disputa, o jogo é outro. E aí fica uma colcha de retalhos de articulação política, de projeto de médio e longo prazo", pontua.

Feres Júnior expõe outra preocupação. Suas pesquisas captam ainda muita rejeição à política dita tradicional. "Tem muita gente de centro mais despolitizada, que fala que quer algo 'novo'. É o que eu chamo de efeito prolongado da Lava Jato e isso sempre ajuda mais os oportunistas, esse pessoal que tem a cara do Bolsonaro", declara.

## Conspiração do mercado para eleger Tarcísio de Freitas em 2026 e privatizar estatais

Foto: Célio Messias/Governo do Estado de SP



Para Nassif, a ideia é criar um ambiente propício para a eleição de Tarcísio de Freitas para presidente da República em 2026.

Jessé Souza não tem dúvidas de que a Operação Lava Jato foi um projeto de poder apoiado pelos Estados Unidos e pelas elites nacionais para desmoralizar a política.

Se a ideia era interromper a série de quatro vitórias presidenciais consecutivas e retirar o PT do poder, a democracia acabou enfraquecida, com o caminho pavimentado para figuras autoritárias e um discurso religioso fundamentalista, entende Souza.

Luís Nassif viu em agosto um "segundo tempo" da conspiração que derrubou o governo Dilma Rousseff (PT) para abrir espaço

ao que chama de "governos negociatas de Temer e Bolsonaro".

A referência foi a série de matérias da *Folha de S. Paulo* voltadas contra o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. "Tem duas âncoras hoje aí na sociedade: Lula e o Supremo. Há uma pressão enorme do mercado, junto com a mídia aqui de São Paulo, da Faria Lima, atuando", declara.

A ideia é criar um ambiente propício para a eleição de Tarcísio de Freitas (Republicanos) para presidente da República em 2026. "Ele virou a esperança desse pessoal para a venda da Petrobras, do

Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal", afirma o jornalista.

"Uma aliança do mercado com a ultradireita que junta o crime organizado. O bolsonarismo foi estimulado pela indústria de armas dos Estados Unidos, pela máfia dos cassinos de Las Vegas e pela indústria de mineração que atua de forma irregular com o mercado junto. Mercado e crime organizado não querem regulação. Sem regulação, quatro anos de governo Tarcísio destrói definitivamente um projeto de nação, um projeto de Estado. Quem passa a mandar são os BTGs da vida. É um momento complicado", conclui Nassif.



### Pode comparar! Até os nossos preços são melhores.

Planos de saúde e odontológico disponíveis para sócios e dependentes. Faça uma simulação de valores e saiba mais em:  
[sinprors.org.br/saude](http://sinprors.org.br/saude) | 051-4009.2930 | [convenios@sinprors.org.br](mailto:convenios@sinprors.org.br)

Unimed

CCG  
Saúde

Notre-Dame  
Internacional

UNIODONTO

sinprosaúde

SINPRO/RS  
Sindicato Cidadão

# Antes que comecem a queimar os livros

*Campanha pública do Sinpro/RS está mobilizando professores e a sociedade com um alerta sobre o clima policalesco e de patrulha que se instalou na educação e em defesa do princípio constitucional da liberdade de cátedra.*

por Gilson Camargo



Fotos: Igor Sperotto

O lançamento da campanha *Liberdade de ensinar e aprender*, pelo Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (Sinpro/RS), no dia 9 de agosto, elencou episódios recentes que exemplificam o acirramento do patrulhamento contra professores no ensino privado e também na educação pública.

Em fevereiro de 2019, a deputada federal Bia Kicis (PL/DF), cunhada do fundador do escola sem partido, Miguel Nagib, protocolou na Câmara dos Deputados

um projeto de lei que defendia que alunos pudessem filmar os professores para combater uma suposta doutrinação de esquerda.

Em 2021, pressionado por pais conservadores, o Colégio Farroupilha, de Porto Alegre, cancelou apresentações teatrais do Grupo Cerco devido ao uso de linguagem neutra.

Em janeiro de 2022, o professor Ronan Moura Franco, mestre em ensino de Ciências, foi demitido do Colégio Marista Sant'ana, de Uruguaiana, após fazer uma postagem em sua conta pessoal do Twitter, cri-

ticando o desperdício de água em plena seca por latifundiários produtores de soja e arroz da região.

No mesmo ano, uma aula do ensino médio no Colégio Mario Quintana, em Pelotas, virou polêmica e cancelamentos ao professor de Biologia Enrico Blota, que usou dados científicos para demonstrar a relação entre a produção de carne e arroz e o efeito estufa.

No dia 18 de março de 2022, um estudante do oitavo ano de uma escola privada de Porto Alegre interrompeu uma aula sobre exclusão e

invisibilidade histórica das mulheres na política, desde o Iluminismo, com ataques à ex-presidente Dilma Rousseff e em defesa de Jair Bolsonaro. Foi convidado a se retirar da sala pela professora de Ciências Humanas, que acabou demitida após a família apresentar uma queixa à direção. A professora é socióloga, pedagoga, licenciada, mestre e doutora em História.

**Acesse os materiais da campanha no site:**  
[eventos.sinprors.org.br/liberdade](https://eventos.sinprors.org.br/liberdade)

## DEPOIMENTOS



“Quando o professor tem medo, não está mais dando aula, mas sobrevivendo por um salário. Isso não pode mais acontecer. E nós vamos até o fim defendendo nossa liberdade, porque é nossa profissão”, conclama o professor de Biologia Enrico Blota, que sofreu ataques e cancelamentos em 2022, durante uma aula no Colégio Mario Quintana, de Pelotas, ao demonstrar, por meio de dados científicos, a relação entre agricultura e pecuária e o efeito estufa.



“Quando posturas fascistas tomam conta da escola, o teu currículo não vale nada. Eu considerava minhas aulas pautadas nos conhecimentos e valores democráticos, um arcabouço teórico-histórico que a ciência nos presenteou e achava que as minhas aulas e a satisfação dos meus alunos e dos pais dos meus alunos com as minhas aulas eram suficientes para eu consolidar minha prática. Ledo engano”, frisa o professor Ronan Franco. Licenciado em Ciências da Natureza e doutor em Educação em Ciências

pela Unipampa, em 2022 ele sofreu ataques e cancelamento e foi demitido como represália por criticar em sua rede social privada o desperdício de água por latifundiários em Uruguaiana. “Tenho esperança que a educa-

“O Sinpro/RS vem acompanhando a situação de vários professores que sofrem cerceamento ao seu trabalho, censura a livros escolhidos e conteúdos, preconceito sobre raça e gênero, sendo, muitas vezes, ameaçados e atacados”, destaca Cecília Farias, diretora do Sinpro/RS e coordenadora do Núcleo de Apoio ao Professor Contra a Violência, o qual proporciona assistência psicológica e jurídica a professores atingidos por episódios de violência, assédio ou cerceamento da atividade docente. “Essas situações foram acirradas nas eleições de 2018, quando a campanha de um candidato à Presidência da República adotou o discurso de ódio, promovendo a desestabilização entre as pessoas pelo medo e preconceito. Desde lá, o Sinpro/RS passou a acolher muitos professores que foram acusados injustamente de doutrinação dos estudantes. Alguns fatos históricos passaram a ser combatidos por grupos ideológicos de extrema direita”, observa.

Para a dirigente, “é impensável que a escola, um espaço de conhecimento e interação entre as pessoas, não ensine que os conflitos existem e entenda que uma de suas tarefas é a busca dialogada de consensos, que gere aprendizagens, de fato, significativas para o convívio social”.

ção seja valorizada e que os saberes que os professores carregam sejam compreendidos como algo muito valioso, que os nossos alunos e a educação sejam valorizados no sentido de que nenhum saber seja negado.”



## Frente pela Liberdade de Ensinar e Aprender

O Sinpro/RS ampliou o trabalho do NAP no acolhimento e na assistência jurídica a professores acusados injustamente de doutrinação dos estudantes.

No início de 2023, diante do acirramento das interferências danosas de pessoas alheias à escola, o Sindicato articulou a formação da Frente pela Liberdade de Ensinar e Aprender, que congrega diversas entidades ligadas à educação para pensar estratégias a fim de garantir a autonomia dos professores.

A Frente promoveu manifestações públicas e um ato pela liberdade de ensinar e aprender, em novembro, no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, com o objetivo de

reafirmar a liberdade de cátedra dos professores e o direito dos estudantes de aprenderem.

Com o ressurgimento das discussões sobre a *escola sem partido* nos legislativos e a criação e instalação da *Frente Parlamentar Contra a Doutrinação ideológica no Ensino*, a Frente pela Liberdade apresentou uma Notícia de Fato à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, do Ministério Público Federal. A denúncia foi assinada pelas 12 entidades da Frente pela Liberdade.

O movimento se fortaleceu ainda mais em abril, com a realização do Sinpro/RS Debate, o qual, durante três horas, discutiu a

crescente perseguição ideológica aos professores e o cerceamento de ideias praticadas por ativistas conservadores e militares extremistas nas escolas públicas e privadas do estado.

“Não podemos esmorecer na ratificação do direito à liberdade e à democracia em nosso país, porque, de um momento para o outro, é bem possível que ações contra a liberdade, a ciência e a democracia recomecem. Nossa campanha pretende chamar a atenção da sociedade para a necessária vigilância na defesa dos valores democráticos. Temos o dever de barrar essas investidas ou testemunhar a volta da queima de li-

vros, tão comum na Idade Média”, adverte Cecília.

A liberdade de ensinar e o pluralismo de ideias, assim como a liberdade de manifestação do pensamento são princípios proclamados na Constituição Federal, em seus artigos 205, 206 e 220.

De acordo com o preceito constitucional, o direito à liberdade de cátedra se expressa na liberdade de atuação do professor em sala de aula, de pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, assim como a autonomia na escolha de recursos, métodos e instrumentos pedagógicos, considerando o pluralismo de ideias e a coexistência de valores, teorias e doutrinas.

### REVISTA

## Textual aborda aquecimento global, Inteligência Artificial, censura e temas da educação

A tragédia ambiental que atingiu o Rio Grande do Sul, entre outros eventos climáticos extremos relacionados ao aquecimento global, o sistemático descumprimento da legislação ambiental por gestores públicos e a censura na atualidade são os temas dos ensaios da 35ª edição da *Revista Textual*, que circula em meados de outubro.

A edição aborda ainda, na sua

editoria Dinâmica do meio educacional, as implicações da utilização de Inteligência Artificial no processo de ensino e aprendizagem.

Na editoria O professor e o mundo da escola, os artigos sobre a valorização da sala dos professores e uma análise da pesquisa realizada para o Sinpro/RS sobre o perfil dos professores do ensino privado completam a edição.

Com circulação semestral, a

publicação, editada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Privado (Sinpro/RS), foi lançada em 2002.

Além de ensaios sobre temas de relevância para a sociedade, cada edição veicula artigos sobre o cotidiano dos professores e a dinâmica da educação. A partir de julho de 2022, a revista também passou a ter artigos e ensaios produzidos exclusivamente para

o ambiente virtual, além das edições impressas.

Para receber o exemplar impresso de outubro, é necessário ser sócio do Sinpro/RS e manifestar interesse, respondendo ao questionário enviado por e-mail pelo Sindicato aos professores associados.

A íntegra de todas as edições da revista pode ser acessada gratuitamente em PDF e flip no site do Sinpro/RS ([sinpro.org.br](http://sinpro.org.br)).

# Professores das escolas comunitárias de educação básica aprovam proposta para acordo

O documento, aprovado em Assembleia no dia 27 de agosto, para a Convenção Coletiva de Trabalho 2024/2025 (CCT), reajusta em 3,86% os salários dos professores em 1º de agosto de 2024, incidente sobre o salário devido em junho de 2023. E determina o pagamento das diferenças salariais retroativas a 1º de março deste ano, data-base da categoria, equivalente a 19,30%, em forma de abono em três parcelas de 6,43%, nos salários de agosto, setembro e outubro.

A proposta aprovada é resultado de negociação entre o Sindicato dos Professores (Sinpro/RS) e o Sindiman/RS. As tratativas para a CCT dos professores que

atuam na educação básica de escolas comunitárias se iniciaram em março, mas foram canceladas no mês de maio, em função das inundações, sendo retomadas no mês de junho.

“Foi uma negociação muito tensa, marcada pela intenção do Sindiman em precarizar os salários e as condições de trabalho dos professores”, relata a professora Cecília Farias, diretora do Sinpro/RS.

**HORA-ATIVIDADE** – A partir de 1º de agosto, também os professores, com contratos de 20 horas semanais, terão adicional de meia hora-semanal de hora-atividade, tempo destinado ao trabalho extraclasse para a ela-

horação e correção de provas, de trabalhos, preparação de aulas, inclusive o planejamento e adaptações às especificidades relativas ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiências.

Para os professores com menor ou maior carga horária, o adicional de carga horária será proporcional à sua carga horária contratual.

“A inclusão do adicional da hora-aula sobre a remuneração dos professores, apesar de ainda insuficiente, representa uma grande conquista da categoria e indica o reconhecimento e a remuneração desse trabalho fundamental”, explica Cecília Farias.

**APROXIMAÇÃO** – A Convenção Coletiva de Trabalho 2024/2025 também estabelece que, a partir do mês de agosto de 2024, as instituições de ensino que realizam o pagamento da hora-aula dos professores da educação infantil e do ensino fundamental anos iniciais, em valor equivalente ao do piso da categoria, deverão equipará-lo aos mesmos valores daqueles estabelecidos aos docentes do ensino fundamental anos finais.

O documento, que renova as demais cláusulas da Convenção Coletiva de Trabalho do ano passado, pode ser acessado na íntegra no site ([sinprors.org.br](http://sinprors.org.br)) ou APP do Sinpro/RS.

## EDUCAÇÃO INFANTIL

# Assinada Convenção Coletiva de Trabalho 2024/2025

Os professores que atuam nas escolas exclusivas de educação infantil aprovaram, em julho, a proposta de renovação da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), nego-

ciada pelo Sinpro/RS com o Sindicato Patronal (Sindeedin/RS).

Entre os destaques da CCT 2024/2025, estão o reajuste salarial com reposição da inflação

do período (3,23%); o pagamento das diferenças do retroativo a 1º de maio (data-base), em forma de abono, na folha salarial de agosto; a antecipação de 50% do 13º

salário, facultado ao empregador, até 30 de setembro, além da possibilidade de dispensa anual de dois dias e manutenção das demais cláusulas da Convenção.

## APOSENTADORIA

por Daisson Portanova  
Advogado da Apaepers



# Pente-fino: ajustes, obrigação e limites

A legislação previdenciária muda com o tempo, muitas vezes estabelecendo critérios mais rigorosos para a concessão de benefícios, ampliando requisitos e aplicando cálculos mais restritos ou percentuais proporcionais ao tempo de contribuição, os quais, em muitos casos, ficam abaixo do esperado.

Os benefícios por incapacidade advêm de doenças que impedem o labor, exigindo reavaliações constantes, que, não feitas, suspendem o seu gozo. Só é possível cortar um benefício por incapacidade após perícia comprovando que o segurado está apto para trabalhar. Quando isso acontece, o INSS deve fornecer ao segurado o laudo que indica sua aptidão para o trabalho.

Importante relatar que, mesmo o segurado estando recuperado e não podendo exercer as mesmas funções do seu ofício, seja por limitação ou redução da capacidade, o INSS deve, antes de cortar o benefício, oferecer a reabilitação profissional desse trabalhador.

Além disso, há situações em que o INSS não pode cessar o benefício por invalidez. A primeira é para segurados com 60 anos ou mais, que estão isentos do exame médico. A segunda é para segurados com mais de 55 anos e que recebem o benefício há mais de 15 anos; eles também estão isentos.

Se o trabalhador estiver em situação em que necessite de assistência de terceiros – não detém possibilidade de gerência própria –, pode solicitar um exame médico que comprove tal necessidade. Sendo constatada, pode vir a receber um adicional de 25% no valor do benefício.

Benefícios oriundos de acidente de trabalho, se o INSS decidir que a invalidez terminou, é preciso verificar que esse tipo de benefício garante estabilidade provisória de 12 meses – não pode ser desligado da empresa nesse período. Outra situação é se o segurado ficou com sequela permanente ou redução da capacidade laboral, nesse caso, o INSS deve pagar auxílio-acidente. Contudo, é necessário avaliar o grau da sequela, pois isso pode qualificar o trabalhador como Pessoa Com Deficiência, alterando seus direitos no ambiente de trabalho e possibilitando uma aposentadoria por tempo de contribuição menor, dependendo do grau de deficiência (leve, moderada ou grave).

Benefícios assistenciais também serão revisados, pois o fato de estar recebendo o benefício não impede a análise; entretanto, não havendo alteração das condições que deram origem ao benefício, o INSS não pode simplesmente cortá-lo, sob pena de ter que restabelecê-lo judicialmente.

## Sinpro/RS recebe indicações para o Prêmio Educação RS

O Sindicato dos Professores deu início, em agosto, aos preparativos para a edição 2024 do Prêmio Educação RS, iniciativa que tem, anualmente, destacado instituições, profissionais da educação e projetos comprometidos com a educação de qualidade, o desenvolvimento da cidadania, o respeito à diversidade sociocultural e suas manifestações.

“O Prêmio Educação RS tem se consolidado não apenas como uma honraria, mas um reconhecimento do trabalho árduo, da dedicação e da paixão que educadores, alunos e instituições colocam na realização do seu trabalho”, destaca Rodrigo Perla, diretor do Sinpro/RS.

Neste ano, o prazo para as indicações, que começou em 12 de agosto, se estende até o dia 16 de setembro, e cada pessoa poderá fazer sua indicação em uma das categorias, no formulário digital, disponível no site da premiação ([premioeducacao.sinprors.org.br](http://premioeducacao.sinprors.org.br)).

Os três finalistas, selecionados

pela Comissão Avaliadora, especialmente constituída para esta edição da premiação, serão divulgados no dia 24 de setembro.

Os vencedores entre os finalistas serão escolhidos pelo voto dos professores associados ao Sinpro/RS, em votação on-line, somado aos votos da Comissão Avaliadora e da direção do Sindicato.

O troféu Pena Libertária será entregue aos vencedores no dia 9 de outubro, em cerimônia específica, que será realizada em Porto Alegre, integrando as comemorações do Dia do Professor.

**O PRÊMIO** – Criado pelo Sindicato em 1998, o Prêmio Educação RS tem como objetivo estimular e valorizar os profissionais, as instituições e os projetos que se destacaram no último período.

A premiação se caracteriza por abranger amplamente a educação gaúcha, tanto da rede pública quanto do ensino privado, a partir de indicações espontâneas da sociedade gaúcha diretamente pela página da premiação.

## ULBRA

### Professores aprovam acordo sobre Plano de Demissão Voluntária

Após extensa negociação ao longo de todo o primeiro semestre, a Assembleia de Professores da Ulbra, realizada no dia 15 de julho, aprovou a proposta para acordo coletivo que, além de flexibilizar as condições contratuais dos docentes da instituição, contempla o Plano de Demissão Voluntária (PDV).

Esse Plano, ao final do prazo de adesão, registrou a disposição de desligamento voluntário de 175 professores.

A possibilidade de desligamento, com garantia de todos os direitos rescisórios, conforme a modalidade de iniciativa do empregador, foi negociada como alternativa às flexibilizações contratuais.

De acordo com Marcos Fuhr, diretor do Sinpro/RS, a estimativa da Aelbra, mantenedora da Ulbra, é de que a efetivação do PDV repre-

sente um custo de cerca de R\$ 30 milhões para a instituição.

“Efetivado o acordo, a preocupação do Sindicato neste momento é com relação à efetivação dos desligamentos, em contraposição às evidências de um alongamento do prazo por parte da Aelbra”, ressalta o dirigente.

No âmbito da Recuperação Judicial, a Aelbra vem mantendo em dia os depósitos de R\$ 6,2 milhões nas contas vinculadas, com vistas à regularização das competências pendentes de FGTS. Os repasses são resultado de um acordo firmado pela empresa com a Caixa e a Fazenda Nacional. As pendências de FGTS integram a totalidade dos créditos trabalhistas acordados no Plano de Recuperação Judicial da Aelbra, aprovado pela assembleia de credores no final de 2023.



Movimentar o corpo contribui para a liberação de hormônios que atuam diretamente em seu bem-estar, atuando como um poderoso antidepressivo.

Estudos apontam que é uma via direta na manutenção da saúde mental, e a prática regular de exercícios físicos fortifica o sistema imunológico, melhora a circulação sanguínea, fortalece os ossos, é cardioprotetor e ainda contribui na diminuição da gordura corporal.

Como se isso fosse pouco, os exercícios físicos também atuam no desempenho no trabalho, pois aumentam a velocidade de reação e a memória.

#### Sedentarismo: malvado e caro!

Por outro lado, comportamentos sedentários estão relacionados a um maior risco de mortalidade, ao surgimento de diabetes, obesidade, doenças cardiovasculares e cânceres.

Segundo uma pesquisa realizada em 2019, pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), no Brasil o impacto econômico da inatividade física de brasileiros, em diferentes regiões do país, representou um gasto de cerca de R\$ 300 milhões ao Sistema Único de Saúde (SUS) em internações decorrentes de doenças crônicas.

#### Ativação Corporal. Vem que tem!

Você sabia que o Sinpro/RS disponibiliza, duas vezes por semana, uma atividade de Ativação Corporal em sua página no Facebook? Uma aula, compacta de apenas 30 minutos, indicada a todas as idades, de baixo impacto e de ótimos resultados.

**Pequenas atitudes motivam e nos ajudam a construir um estilo de vida saudável e positivo. Vamos praticar?**

Para você e seus dependentes:

#### Gratuitas

Aulas on-line de Ativação Corporal em tempo no Facebook do Sinpro/RS, nas terças, das 18h30 às 19h, e nos sábados, das 9h às 9h30. Basta acessar a plataforma e praticar com um profissional qualificado e as aulas ainda ficam gravadas e disponíveis.

Plataforma Somos Sinpro/RS – plataforma digital com videoaulas de Yoga, Pilates, Treinamento Funcional, receitas *light* e muito mais. Tudo isso em um clique. Acesse e faça seu cadastro. É livre e gratuita para os associados e dependentes. [Acesse somos.pacevida.com.br/sinprors](http://acesse.somos.pacevida.com.br/sinprors).

#### Baixa custo

MOVE – Grupo de Corrida e Caminhada Orientada. Inscreva-se [sinprors.org.br/saude/grupo-de-caminhada-e-corrada](http://sinprors.org.br/saude/grupo-de-caminhada-e-corrada).

#### Acabou a leitura?

Confie no poder do movimento. Venha com a gente e sinta-se melhor.





# O poço não tem fundo

*No contexto histórico das interações sociais reguladas pelos algoritmos, os grupos de extrema direita têm desempenho muito superior nas redes sociais, produzindo um discurso simplificador e quase sempre falso, mas especulando com problemas reais e se colocando como reais intérpretes da vontade popular*

Arte: Fabio Edy Alves sobre fotos de Freepik.com



**T**radicionalmente, as eleições municipais no Brasil foram marcadas pelo debate de temas locais, bastante deslocados das disputas político-ideológicas nacionais. Até mesmo os arranjos partidários das disputas locais seguiam lógicas distintas daqueles verificados em eleições majoritárias para os governos estaduais e para a presidência. Aparentemente, as coisas não são mais assim.

O Rio Grande do Sul, por exemplo, sofreu um desastre ambiental sem precedentes em maio, o que promoveu, além de prejuízos econômicos de enormes proporções, muito sofrimento, dor, luto, etc.

Os gestores que responderam mal aos eventos climáticos extremos e, particularmente, aqueles cujas gestões foram, por omissão, escolhas equivocadas ou negacionismo, associadas à gravidade dos efeitos do desastre, tiveram desgaste político-eleitoral apreciável. Entretanto, tudo leva a crer que as falhas observadas nas gestões municipais quanto ao sistema de drenagem e contenção de cheias, por exemplo, assim como os temas destacados de gestão nas cidades, como o transporte coletivo, a educação e a saúde, etc., não serão decisivos para a definição de voto da maioria dos eleitores.

Para essa maioria, o alinhamento ideológico prévio – compreendido como uma adesão mais ou menos racional a um discurso – tende a ser o elemento mais forte. Nesse quadro, o próprio debate se afasta do desafio de formulação de políticas públicas eficientes, sendo substituído por uma realidade fantasmagórica, em que ameaças e insultos são lançados desde as trincheiras onde os adversários se entocam.

A campanha eleitoral de São Paulo trouxe ao cenário político a figura bizarra de Pablo Marçal, um ególatra populista com retórica antissistema e patrimônio declarado de R\$ 200 milhões. É difícil situar seu perfil e discurso sem ceder ao espanto, mas ele tem boas chances de vencer as eleições em uma das maiores cidades do mundo, caso sua candidatura não seja cassada por abuso de poder econômico. Seu discurso é marcado pela virulência e pelo messianismo. Ele estaria sozinho contra o sistema, mas vencerá todos os obstáculos, declarando-se como “o servo”. Sobre ele, Bolsonaro declarou que “Marçal não tem caráter”, uma frase que, em si mesma, testemunha a radicalidade do problema.

Assim, quando imaginamos que chegamos ao fundo do poço, descobrimos que o poço não tem fundo e que as coisas nunca são tão ruins a ponto de não poderem piorar.

Será preciso estudar o “fenômeno Marçal” mais detidamente e ter presente que aquilo que ele representa não diz respeito apenas a São

Paulo. Muito provavelmente, a emergência deste lumpem-populismo, desde o “fenômeno Bolsonaro”, surge no vazio político criado desde que perdemos a perspectiva da luta por reformas sustentadas, a partir de uma crítica contundente às desigualdades, à violência e aos limites e distorções do poder público.

Como a esquerda abdicou dessa tarefa, o caminho ficou aberto para que a indignação diante da má qualidade do serviço público, das injustiças sociais, dos privilégios e da corrupção fosse ocupada pela extrema direita. Ainda assim, entretanto, não seria possível que esse discurso de ressentimento e ódio fosse capaz de cativar milhões de mentes sem a formação de “bolhas” ou “câmaras de eco” na internet, por onde transitam as mais incríveis teorias da conspiração e as mentiras customizadas para diferentes grupos e repetidas infinitas vezes.

Diante das ameaças de golpe de Estado, restou à esquerda a defesa da democracia, o regime político que a tradição marxista sempre classificou como uma forma de dominação burguesa. Acossada pela tormenta do avanço de um movimento de massas de perfil fascista, a esquerda foi à sua dispensa à procura do guarda-chuva da democracia, um espaço “tático”, onde, a rigor, nunca se sentiu confortável. Por não ter acertado contas com sua tradição teórica mais forte, os partidos de esquerda seguem se atrapalhando quando se exige deles coerência com a ideia da democracia como valor universal (para usar o conceito proposto no Brasil, em 1979, por Carlos Nelson Coutinho). A cada “pano passado” para o chavismo, para a gerontocracia cubana, para a ditadura chinesa ou para o regime assassino de Putin, a esquerda permite que seu capital democrático se dilua e que sua crítica ao golpismo pareça um simples discurso oportunista.

No contexto histórico das interações sociais reguladas pelos algoritmos, os grupos de extrema direita têm desempenho muito superior nas redes sociais, produzindo um discurso simplificador e quase sempre falso, mas especulando com problemas reais e se colocando como verdadeiros intérpretes da vontade popular. Já a esquerda parece ter cada vez mais dificuldades para se fazer compreender, porque não propõe uma agenda de reformas, porque sua visão de mundo parece ser a mesma da “guerra fria” e porque, em vez de mobilizar as pessoas contra as injustiças, se aferra ao papel de defensora das instituições.

A situação geral do país, em síntese, parece ser muito grave, e a imagem do Titanic rumando para seu destino, enquanto os passageiros dos lugares mais caros dançam ao som de uma orquestra, parece tão atual quanto foi em 2018.



## Goida, 90 anos amando amar o cinema, os quadrinhos e as pessoas

por César Fraga

Desde o primeiro momento em que me interessei por cinema, passei a acompanhar os textos do Goida. Compartilho com ele um sentimento que é, na opinião de Andy Warhol, a própria definição do espírito do pop: "Gostar de gostar". Goida gosta de gostar de filmes. Foi assim que o cineasta Jorge Furtado definiu, a pedido do *Extra Classe*, um dos mais importantes cronistas vivos do cinema, Hiron Cardoso Goida-nich, que completou 90 anos no

dia 11 de julho, com direito a uma festa de arromba, com cerca de 80 pessoas para homenageá-lo.

Para se ter uma ideia da dimensão de Goida – nome que adotou para assinar seus textos –, é preciso dizer que, além de escrever diariamente da década de 1960 até fins dos anos 1990 sobre cinema, abrindo espaço para novos cronistas em sua coluna nas principais redações do RS, ele foi figura importantíssima na consolidação do Festival de Cinema de Gramado e do Clube

de Cinema como espaços de culto, produção e proliferação de ideias sobre a Sétima Arte. Um cara capaz de escrever com o mesmo respeito sobre um filme dos Trapalhões ou sobre um Akira Kurosawa.

Falamos de uma época em que ninguém saía de casa para ir ao cinema sem antes consultar o que estava dito nos jornais sobre a programação, principal fonte de informação antes da era da internet.

"Goida sempre teve a melhor das qualidades para um crítico:

nenhum preconceito. Acredito que esta é a forma mais eficiente de criar espectadores e leitores. Este sentimento, infelizmente, parece minoritário entre os críticos, há muitos que mal escondem a felicidade em detestar um filme. O narcisismo das pequenas diferenças é um dos males do mundo", acrescenta Furtado, ao invocar Freud ao debate.

De acordo com o cineasta, ao gostar de gostar, Goida procura iluminar as qualidades nem sempre evidentes dos sucessos popu-

lares, e também, é claro, do grande cinema e dos clássicos.

“Seus textos, claros, precisos, bem-humorados e sempre cultos, serviram a uma geração de realizadores gaúchos, na qual me incluo, como referência de análise e compreensão do seu ofício”, define.

Trata-se de um homem que assistiu a filmes e escreveu sobre eles praticamente na maior parte dos dias de sua vida, desde 1938. Suez, com Tyrone Power, é a lembrança mais antiga de Goida, conforme ele próprio disse em entrevista concedida ao EC, por oca-

sião de seus 75 anos, em 2009.

Lúcido e sorridente, apesar de alguma dificuldade na fala, Goida recebeu novamente nossa reportagem na biblioteca de sua casa no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, lotada de histórias em quadrinhos do chão até o teto.

Um dos amores de Goida, junto com o cinema, são os quadrinhos. Não à toa, escreveu, com André Kleinert, a *Enciclopédia dos Quadrinhos*, considerada uma das melhores do gênero no Brasil. Aliás, a grosso modo, o cinema se constitui de histórias animadas a 24 qua-

dros por segundo, não é mesmo?

Furtado, inclusive, corrobora essa ideia ao nos lembrar “que Goida sabe que as grandes histórias contadas com imagem podem estar nas telas do cinema tanto quanto nas páginas dos quadrinhos. Chaplin ou Schulz, Rossellini ou Crumb são criadores da mesma estatura”.

**BIBLIOGRAFIA** – No meio editorial, de sua autoria se destacam *Enciclopédia dos Quadrinhos* (L&PM, 1990) e *Nas Primeiras Fileiras* (Unidade Editorial, 1998). Também editou o *Dicionário de Cinema*, de Jean



Foto: César Fraga

Tulard, e o *Dicionário de Filmes*, de Georges Sadoul, ambos publicados pela L&PM Editores.

## Daisy, my love

E, por falar em amores e paixão, cabe lembrar algo que o próprio Goida gosta de destacar sempre, mesmo que ninguém pergunte. Antes do cinema e dos quadrinhos, o amor no topo do pódio é Daisy, sua companheira por mais de 65 anos. Com ela, teve as filhas Ana e Mônica.

E, assim, o gosto por amar filmes atravessou gerações. “Minha primeira lembrança foi ver *Noviça Rebelde* duas vezes com ele”, no Baltimore (cinema de rua), recorda Mônica. “Também lembro de ele me levar com meu primeiro namorado, aos 14 anos, para ver o *Ouro de Mackenna*, no cinema Astor. Pela sua influência, aprendi a adorar musicais e cinema italiano, principalmente Fellini. Sei as músicas dos

filmes todas de memória, relata.

Já Ana conta que foi tantas vezes ao cinema com o pai (e continua indo, só que agora é ela quem leva) que é difícil escolher um filme específico para recordar.

“Lembro com felicidade e orgulho de assistirmos juntos a uma animação do Charlie Brown e sua turma. Quando voltamos em casa, ele me comunicou que naquele dia quem faria a coluna/matéria sobre o filme seria eu. Achei o máximo e me senti muito importante, pois demonstrava a confiança que ele tinha em mim. E o risco que ele correu deixando para uma criança escrever no seu espaço.”

Daisy recorda que o marido assistia a “uma média superior

a 200 filmes por ano” na fase em que era cronista de jornal, tarefa que passou exercer aos 20 anos de idade. Isso sem contar o que já havia assistido antes. Goida confessa que perdeu a conta.

Entre as lembranças marcantes de Daisy e Goida, estão as idas ao Uruguai, do jornalista, para assistir a filmes proibidos pela censura dos governos militares, como *Laranja Mecânica*. Mesmo os filmes não podendo ser exibidos nas salas comerciais brasileiras a mando da ditadura (1964-1984), Goida, ainda assim, escrevia sobre eles.

“Ele saía num dia e voltava no outro e resultavam em crônicas maravilhosas. Porque a gente não sabia nada dos filmes. Então, a gente

ficava babando e esperando que um dia pudesse ver esses filmes. Então, esse papel dele não só é de crônica de cinema. Porque ele nunca chamou de crítica, mas também é jornalístico. A coluna dele revelava uma realidade proibida naquele momento e que durou duas décadas”, argumenta José Guaraci Fraga.

Fraga é amigo das antigas, desde a época em que Goida era criador publicitário e chefe da equipe de redatores na MPM Propaganda, uma das maiores agências que o Brasil já teve, onde também atuaram Luis Fernando Verissimo, João Carlos Pacheco, Tuio Becker e o próprio Fraga, entre tantos outros. (Leia a coluna/homenagem do Fraga ao Goida na pág 26).

## Goida, ator de cinema gaúcho

O cineasta Giba Assis Brasil, um dos fundadores da Casa de Cinema, é quem conta. Em 1982, quando ele trabalhava com o Carlos Gerbase no *Inverno*, “o mais ambicioso dos nossos filmes super-8”, tiveram a ideia de convidar pra fazer uma cena nada menos que todos os críticos de cinema em atividade em Porto Alegre na época.

Eles seriam os colegas de trabalho do protagonista do filme, interpretado pelo Werner Schünemann. O Tuio Becker, que também era superoitista, fecharia a série. Mas o primeiro a aparecer na cena teria que ser o Goida, conforme colocaram no roteiro: “ao telefone, atirado pra trás na cadeira, rindo muito”.

“Era ao mesmo tempo uma homenagem, uma brincadeira e uma declaração de identidade: fazer cinema em Porto Alegre, escrever sobre cinema por aqui, pensar cinema em qualquer lugar, eram partes de um todo, estávamos juntos. Goida era o primeiro porque sempre foi o primeiro a nos receber, a assistir e criticar nossos filmes,

como ele assistia qualquer filme de Hollywood ou da vanguarda europeia, um clássico japonês ou uns guris do super-8 gaúcho: sem condescendência, mas com vontade de gostar, e na sala escura, e nas primeiras fileiras”, diz Giba.

Leia reportagem completa em:  
[www.extraclasse.org.br](http://www.extraclasse.org.br)



# O mago, o santo e a esfinge investiga as personas de Coelho, Bandeira e Lispector

A partir do texto e contexto de três escritores, o sociólogo Fernando Pinheiro traça uma espécie de biografia de Paulo Coelho, Manuel Bandeira e Clarice Lispector e sinaliza caminhos para ler a literatura brasileira. A obra *O mago, o santo, a esfinge* traz aspectos do texto, da figura e performance dos autores

por Elstor Hansen



Arte: Fabio Edy Alves com uso de IA

“Paulo Coelho está para a literatura assim como Edir Macedo está para a religião”, comparou o bibliófilo José Mindlin, em entrevista ao Paiol Literário há quase 20 anos. O jornalista e escritor Fernando Morais, autor da biografia *O mago*, não nega a admiração pela figura do biografado, mas revela não gostar da literatura de Coelho. “Ele escreve para quem tem fé, e eu sou um ateu materialista”, justifica.

Enquanto Paulo Coelho centra seu esforço na figura e performance de autor, Manuel Bandeira seria o oposto. Este estaria apenas interessado na literatura, na discussão estética, nas linguagens, na produção artística, sem qualquer interesse em questões econômicas, políticas ou estratégias externas ao texto, observa Eduardo Dimitrov, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Por isso, é tido como escritor mais puro e legítimo da literatura, o santo.

Clarice Lispector, por sua vez, conseguiu manejar um aparente paradoxo: se transformar em esfinge, considerada até hoje uma escritora indecifrável e, ao mesmo tempo, recusar a figura de intelectual, afirmando, a saber, que não gostava de ler e que escrevia crônicas para se sustentar, enquanto segurava o filho no colo. Dizia também que gostava de literatura policial e não tinha Machado de Assis em casa.

Dimitrov avalia que ela é uma esfinge porque teve essa estraté-

gia de autora de se mostrar muito misteriosa. “Toda essa aura que se cria em torno dela, de ser uma pessoa misteriosa, difícil de se decifrar, com livros muito herméticos e, ao mesmo tempo, uma cronista da vida cotidiana, então é uma outra estratégia de se mostrar ao mundo.”

**DOIS LADOS DO ARCO** – O sociólogo Fernando Pinheiro afirma que escolheu fazer uma intersecção entre escrita e obra. Pinheiro parte da tese de que o texto de literatura tende a ser atravessado pela figura do autor, a pessoa, seja de forma consciente ou não. Segundo ele, isso se evidencia mais desde o final do século 19, quando o escritor se torna uma figura pública e as estratégias dos agentes começaram a aparecer mais nas criações textuais.

Em trecho introdutório dos três ensaios, Pinheiro contextualiza e explica desta maneira: “Temos assim nessa ponta do arco o escritor colado ao que escreve, e com reservas a tudo que ultrapassa essa relação, o que inclui a indiferença à sua figura pública, que não chega sequer a constituir-se plenamente — Kafka representaria um tipo ideal no sentido de Weber se retivermos apenas esses traços centrais, deixando em suspenso as ambiguidades exploradas na interpretação de sua postura empírica como escritor”.

A outra ponta do arco, conforme o autor do livro *O mago, o santo, a esfinge* (Todavia, 248 pág.), é “habitada por uma postura de escritor antípoda desta (também no plano

típico-ideal), os depoimentos citados parecem autoexplicativos, dada sua crieza em revelar artifícios na construção da imagem (simbólica e física) do escritor, pon-do inteiramente de lado seu trabalho propriamente literário”, seria o caso de Paulo Coelho.

O escritor Luís Augusto Fischer, ao escrever a orelha do livro, salienta que os escritores em tela são bastante heterogêneos, a ponto de facilmente diferenciá-los em um bar escuro. “Trata-se de três casos bastante diversos, que não se conectam nem por geração, nem por um mesmo gênero textual dominante, nem mesmo na relação que cada um estabeleceu com sua imagem pública, resultante tanto de sua deliberada ação quanto das expectativas e demandas em torno de si”, escreve.

**SENHAS PARA A LEITURA** – Para o professor da UnB, a partir da abordagem do livro, ao mostrar tipos de atuação e estilos de literatura, o leitor consegue imaginar outros autores nesses mesmos formatos. “Essas coisas estão sempre muito conectadas às posições políticas, relações econômicas, condicionantes de outras esferas da vida social. Tudo acaba sempre influenciando naquilo que a gente imagina que seja uma esfera autônoma, como a da literatura”, pontua Eduardo Dimitrov. Nesse sentido, traz chaves de leitura para a literatura brasileira.

Ao escrever sobre a obra de Paulo Coelho, o diplomata e escritor Marcelo Dantas traz outra

leitura. “Ele não quer fazer literatura. Sua prioridade é vender livros. Movido pelas estatísticas da moderna indústria editorial, ele convenceu-se de que o grande público gosta mesmo é de seu ocultismo açucarado, com tramas banais e finais miraculosos.”

Para o sucesso do mago em outros países, Dimitrov tem uma explicação. De acordo com ele, ninguém compara Paulo Coelho a Proust ou a Guimarães Rosa, como no Brasil. “Ele tem outros espaços literários lá fora, literatura de entretenimento e de consumo rápido, sequer é comparado com os autores mais promissores da literatura francesa atual, por exemplo”, ressalta.

Mesmo tendo participado do Congresso Mundial de Bruxaria em Bogotá, na Colômbia, Clarice Lispector jamais se confundiu com a literatura e figura de Paulo Coelho. Pelo contrário, ela mesmo se definia como misteriosa e indecifrável. Ao visitar a Esfinge, no Egito, em 1946, escreveu: “Eu não a decifrei, mas ela também não me decifrou. Ela me aceitou, eu a aceitei. Cada um com seu próprio mistério”.

Manuel Bandeira, por sua vez, é considerado pela crítica literária como santo, uma vez que estaria apenas vinculado a questões literárias, alheio à política e à economia. “Fernando mostra que isso não é bem verdade, pois tem muita política na poesia do Manuel Bandeira. Mas a estratégia do autor foi esta: mostrar-se alguém desvinculado de outras preocupações, mesmo não sendo”, alerta Dimitrov.



FRAGA

## Goida: 90 anos de *Dolce Vita*

*A festa de aniversário do nonagenário Goida, vulgo Hiron Goidanich, foi como um filmão visto por ele. Quase 80 pessoas ao redor daquela cabeça prateada, brilhante cabeça, que nunca parou de refletir o cinema. Conhecendo o Goida, dá pra fazer uma tomografia amigável do acúmulo cultural na mente dele*

De Marilyn Monroe a Clark Gable, de Cid Charisse a Gene Kelly, de Paul Newman a Meryl Streep, de Catherine Deneuve a Marcelo Mastroianni, de Gloria Swanson a James Stewart, de Scorsese a Sofia Loren, de Woody Allen a Capra, de Coppola a Leone, de David Lean a Hitchcock, de Norman McLaren a Ed Wood, de Glauber a Cléber Mendonça: são milhares de criadores de tipos e filmes bailando na memória, rebobinados por sua maior paixão – depois da Daisy.

Há grandes questões que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas não respondeu, e a gente tem que repeti-las: foi a tecnologia das projeções que iluminou o olhar do Goida ou foi o olhar acurado do Goida que fez o cinema evoluir dos 35mm aos 70mm, do cinemascope ao Todd-AO, do cinerama ao Imax?

Foram os olhos encantados do Goida que inspiraram a evolução das imagens em preto e branco para o technicolor ou foi a maravilha das cores que influenciaram na beleza dos seus textos?

Os grande fotógrafos do cinema mundial criaram imagens inesquecíveis para se exibir ou apenas para impressionar o Goida?

A verdade é a seguinte: sem o acompanhamento do Goida, os filmes seriam menos esplendorosos.

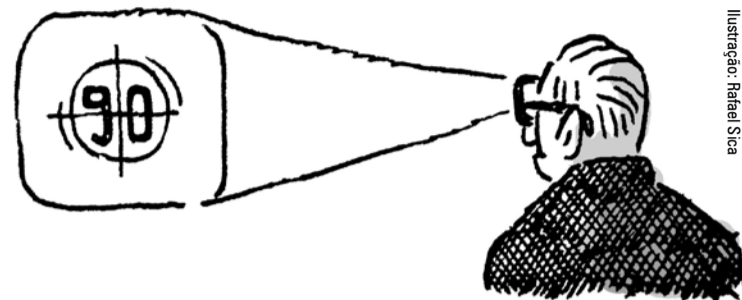


Ilustração: Rafael Sica

Antes de Steven Spielberg inventar o boom das bilheterias, Goida e suas memoráveis crônicas em ZH arrastaram multidões aos cinemas de Porto Alegre. E, coincidência ou não, os cinemas de rua começaram a acabar quando o Goida iniciou seu afastamento dos cinemas nos shoppings.

Em paralelo, é preciso ressaltar o entusiasta Goida com o Clube de Cinema da capital e sua confraria de amigos. Ao Goida e à sua turma, devemos inesquecíveis sessões à meia-noite ou matinais. Bons tempos aqueles: éramos felizes e sabíamos!

Desnecessário lembrar mas lembro: o Goida também tem um vínculo ardoroso com eventos cinematográficos, onde o Festival de Cinema de Gramado é a ponta de um luminoso iceberg.

Agora que já devem estar cansados de tantas loas ao adorável e admirável Goida, familiar amado e amigo queridíssimo de todos, é hora de uma revelação até hoje inédita.

Após décadas de disfarce no nome do estúdio de cinema, para evitar ciúmeira entre quem escrevia sobre filmes, o maior segredo da indústria de Hollywood, afinal, veio à tona nesta efeméride dos 90 anos do Hiron Goidanich: MGM simplesmente quer dizer Melhor Goida Maior!

RATO FALHO / RAFAEL CORRÊA



RANGO / EDGAR VASQUES





# A Dividida

*E no sábado, pela primeira vez desde que tinham se mudado para o condomínio, as duas famílias não fizeram o churrasco juntas*

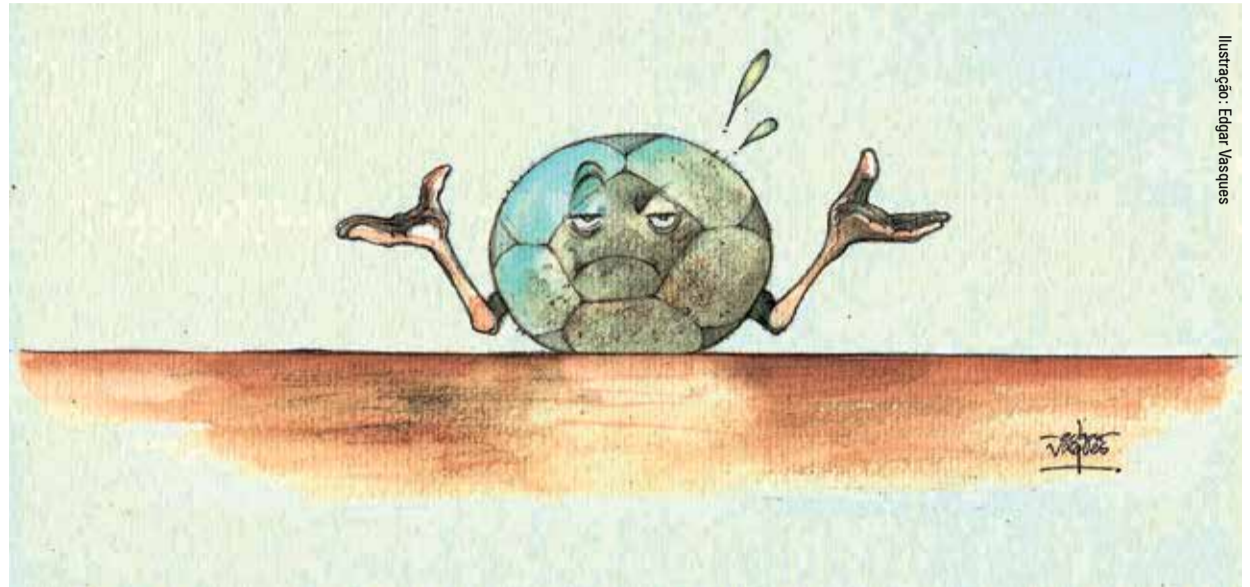


Ilustração: Edgar Vasques

Raimundo entrou firme, Luiz Carlos voou longe. A bola espirrou pela linha de fundo.

– Pô, Mundo! – disse Luiz Carlos, do chão.

– É pra homem – disse Raimundo. E em seguida foi pra cima do juiz, que tinha dado escanteio. – Bola prensada! Bola prensada!

No vestiário, Luiz Carlos mostrou a perna para o Raimundo.

– Olha o que você fez.

– É do jogo, meu.

– Do jogo, não. Tu é que é um animal.

A discussão continuou no carro. Luiz Carlos dava carona para o Raimundo. Todas as terças, do condomínio para o ginásio, do ginásio para o condomínio.

Os dois se conheciam desde a adolescência. Eram sócios numa firma de engenharia.

Eram cunhados. Moravam em casas pegadas, no mesmo condomínio.

Sempre jogavam no mesmo time. Naquela noite, Raimundo fora aliciado pelo outro time. Tinha fama de bom marcador. Viril, mas leal.

– Acho que vou ter que tirar uma radiografia.

– É, flor?

– Pô, tu ainda brinca?

– Não foi nada. Eu entrei na bola.

– Entrou por cima.

– Na bola! Você é que entrou com pé de anjo.

– Olha o que o seu irmão me fez.

– O Mundo fez isso?

– Fez. Entrou por cima da bola. Não sei como eu não quebrei a perna.

– O time de vocês anda bom, hein? Um trombando no outro...

– Ele jogou no outro time. É um animal.

– O Mundo, um animal?

– Você nunca viu ele numa quadra. Se transforma.

– O Mundo é incapaz de matar uma mosca.

– Porque elas fazem o que eu não fiz. Pulam fora.

Na manhã seguinte, se encontraram, cada

um saindo da sua casa. Luiz Carlos mancando, Raimundo caçoando.

– Pensei que você estivesse no hospital...

– Olha aqui, ó troglodita. Não fala comigo

– Na UTI!

– Isto é o que dá jogar contra perna-de-pau.

– Ah é? Eu sou perna-de-pau? Eu sou viril, mas leal, se você quer saber. Viril, mas leal.

– Viril, mas leal... Assassino, mas traiçoeiro, isso sim.

– Eu divido, meu irmão.

– E eu?!

– Você pipoca.

– Eu não acredito... Você entrou por cima da bola, Mundo. Admite.

– Entrei na bola!

– Por cima!

A discussão continuou na reunião das quartas, na firma. Ficou tão violenta que a reunião teve que ser suspensa. Decisões importantes foram adiadas porque os dois não quiseram mais se falar, naquele dia ou no resto da semana. E no sábado, pela primeira vez desde que tinham se mudado para o condomínio, as duas famílias não fizeram o churrasco juntas. Cada um fez na sua churrasqueira. E proibiu a mulher e os filhos de se aproximar da mulher e dos filhos do outro.

No domingo, as mulheres decidiram que aquilo já fora longe demais. Convenceram os dois a sentar para conversar. Como amigos. Como parentes. Como sócios. Como adultos.

– Foi inveja – disse o Raimundo.

– O quê?!

– Deixa o Mundo falar, Luiz Carlos – pediu a mulher dele. – Depois você fala.

O Raimundo contou que tinha sido convocado para reforçar o outro time, que sempre perdia nos jogos das terças. Justamente porque não tinha um jogador como ele. Bom marcador. Viril, mas leal. E o Luiz Carlos ficara com ciúmes por não ter sido o escolhido. Porque o Luiz Carlos,

para quem não soubesse, era um ciscador, dado a brilhaturas inúteis, ao contrário dele, que entrava para decidir jogos. Tanto que o seu time fora o vencedor, naquela noite. Por ciúmes, o Luiz Carlos tentara acertá-lo numa bola dividida, e ele apenas se defendera. Por ser apenas um ciscador inconsequente, e não saber dividir bola, levava a pior.

Luiz Carlos estava com o rosto escondido entre as mãos, como que envergonhado pelo outro. Levantou a cabeça quando Raimundo acabou de apresentar o seu lado.

– Posso falar? Você já acabou de mentir?

– Fala.

– Dividir bola é uma coisa. Entrar com o pé por cima da bola é outra. Não é uma questão de estilo. É uma questão de ter ou não ter caráter.

– É uma questão de ser ou não ser veado.

– Veadado não!

– Sabe de uma coisa? A firma só foi pra frente nestes anos todos porque eu estava lá pra dividir todas. Eu dividia enquanto você pipoqueava.

– “Pipoqueava”, não!

A reunião de paz terminou em guerra declarada.

Na firma, a situação ficou insustentável. Negócios foram perdidos porque os dois se recusavam a se encontrar. Acabaram desfazendo a sociedade.

Abandonaram o condomínio. Perderam dinheiro. Os dois, aliás, estão muito mal de vida. Mas nenhuma reconciliação é possível. Segundo Raimundo, no mundo há os que dividem a bola e há os que não dividem. Segundo Luiz Carlos, o mundo está dividido entre os que vão na bola e os que vão com o pé por cima. E quando as mulheres perguntaram como os dois tinham vivido e trabalhado juntos em paz durante tanto tempo, os dois responderam a mesma coisa. Era porque nunca antes tinham jogado um contra o outro.



## VOCÊ VAI ESPERAR QUE COMECEM A **QUEIMAR LIVROS** EM PRAÇA PÚBLICA?

O avanço do extremismo na política e das pautas pretensamente conservadoras leva um clima de patrulha ideológica para dentro da sala de aula, com o objetivo de combater o fantasma do *professor esquerdista e doutrinador*.

Nesse contexto absurdo e por pressão de pais e alunos, livros são retirados de bibliografias recomendadas, autores são censurados, professores são cerceados e até demitidos, quando tratam de temas importantes, como: aquecimento global, monoculturas na produção agrícola, conflitos no Oriente Médio, vacinas, além de questões raciais, religiosas e de diversidade, por exemplo.

**DEFENDA A**  
**LIBERDADE**  
**DE ENSINAR E**  
**APRENDER**

**SINPRO/RS**  
Sindicato Cidadão